

**ULHT**  
**UNIVERSIDADE LUSÓFONA DE HUMANIDADES E TECNOLOGIAS**

**Departamento de Arquitectura Urbanismo e Geografia**

**UM NÚCLEO**  
**DOCUMENTAL PARA O ESTUDO DO MINOM**

**ANA MERCEDES FERNANDES DOS REIS DIEZ STOFFEL FERNANDES**

**Dissertação apresentada na ULHT para a obtenção de grau de mestre em**  
**Museologia**

**Orientador**  
**PROFESSOR DOUTOR MÁRIO CANEVA MAGALHÃES MOUTINHO**

**Junho 2005**

## RESUMO

### **EXPLICITAÇÃO**

A presente dissertação de mestrado constitui um quadro metodológico referencial, que dá início à criação de um Núcleo Documental dedicado ao MINOM, Movimento Internacional para uma Nova Museologia. Foi realizado com base num modelo de organização e interpretação de acervos documentais, em suporte informático e de papel, que permite e facilita a compreensão, estudo, tratamento e divulgação desses mesmos acervos. Concebido inicialmente para este primeiro objectivo, o modelo apresentado poderá ser utilizado por outros investigadores, em trabalhos de características similares e responder ainda, à necessidade crescente nos museus de sistematizar, inventariar e relacionar acervos documentais, objectos e memórias, em museus de comunidade, centros de interpretação e projectos museológicos, que fundamentem os seus programas na história local e na reconstituição de identidades.

A necessidade de organizar a abundante documentação existente sobre o MINOM - Movimento Internacional para uma Nova Museologia e a importância deste movimento para o futuro da Museologia, justificaram, no nosso entender, a realização deste trabalho de interpretação e gestão do acervo documental recolhido, de modo a permitir a elaboração de trabalhos científicos e iniciativas que apoiem a difusão e expansão de seus propósitos. A perspectiva da eventual utilidade do modelo concebido para outros trabalhos e projectos, no campo da Museologia e da História Local, reforçou e ampliou os objectivos iniciais que nos propusemos.

A institucionalização do MINOM em Portugal, em 1985, foi o culminar de um extenso movimento de reflexão e acção social dentro da Museologia. Tendo tido a sua origem nas esperanças de um futuro melhor, propiciadas pelos movimentos populares de libertação dos anos 70, revolucionou alguns dos conceitos até lá aceites como imutáveis nos museus. O MINOM teve e ainda tem, um papel fundamental como defensor de uma visão mais abrangente e participativa das populações nos museus, produzindo importantes reflexões teóricas sobre este tema e sobre a intervenção e colaboração activa dos museus no desenvolvimento sustentado das comunidades. Promoveu e ainda promove e apoia numerosas experiências no terreno, que perseguem estes objectivos e realiza regularmente encontros de reflexão ao nível mundial, para ampliar e reforçar o pensamento e a acção da Nova Museologia.

## **METODOLOGIA E FASES**

### **Primeira fase: Investigação e conhecimento**

Através de pesquisa em bibliotecas e centros de documentação, de contactos pessoais e da resposta a questionários, foram realizados os seguintes trabalhos:

- Recolha de documentação e de bibliografia disponível sobre o tema, principalmente junto dos intervenientes e actores do movimento, bem como das suas reflexões, opiniões e análises;
- Organização cronológica da documentação e dos acontecimentos que antecederam o nascimento e definiram a evolução do MINOM.

### **Segunda fase: Análise e desenvolvimento**

Através da informação e dos resultados obtidos, foram realizados os seguintes trabalhos:

- Definição do quadro metodológico a desenvolver para a criação do Núcleo Documental, género de documentos a seleccionar, âmbito bibliográfico, formas de classificação, suporte informático, agrupamentos possíveis e limites da pesquisa;
- Concepção de um modelo informático (suporte Access), que permitisse a organização de forma relacional entre os diversos documentos e registos encontrados durante a pesquisa e os acontecimentos que marcaram a vida e desenvolvimento do MINOM. A base de dados proposta permite o acesso fácil à informação nela contida e a sua compreensão, bem como a integração futura de novos documentos e o seu crescimento e aperfeiçoamento permanente;
- Tratamento informático, de acordo com o modelo concebido, de toda a documentação previamente organizada e seleccionada sobre o MINOM;

## **SUMMARY**

### **PRESENTATION**

The current Master thesis represents a referential methodological framework to initiate the creation of a Documentary Center devoted to the MINOM/New Museology, the International Movement for New Museology. It was developed based in a model of organization and interpretation of documental records, both in printed and electronic form, enabling and facilitating the understanding, treatment and dissemination of such records. Initially conceived for this first objective, the model here presented can potentially be used by other researchers in projects with similar characteristics. It can also be a response to the growing need for systematization, inventory and relationing of documental collections, objects and memories in community museums, centers of interpretation and museological projects focusing their programs in the local history and the reconstitution of identities.

The need to organize the ample documentation available on the MINOM/New Museology and the relevance of this movement for the future of Museology justified, in our opinion, the carrying out of this project of interpretation and management of the documents on the topic. This project will also facilitate the elaboration of scientific research and of initiatives supporting the diffusion and broadening of the movement's objectives in the future. The goal of creating a model that could be used in other tasks and projects within the field of Museology and Local History reinforced and widened our initial objectives.

The institutionalization of MINOM/New Museology in Portugal in 1985 marked the apex of a wide movement of reflection and social action within Museology. Having had its social origins in the hopes and opportunities for a new future provided by the popular movements of liberation of the oppressed in the 1970s, the MINOM/New Museology refashioned some concepts until then accepted as immutable about the role of museums. It also led to important theoretical discussions on the topic and to the intervention and active cooperation of museums in the sustainable development of communities. This movement promoted, and still promotes, many field experiments aiming at the implementation of its objectives and organizes regularly debates and meetings at the world scale to widen and reinforce the ideas and actions of New Museology.

## **METHODOLOGY AND PHASES**

### **First phase: Research and knowledge**

Bibliographical research, direct interviews and questionnaires on the topic will be used to achieve the following tasks:

- gathering of bibliography and documentation about the MINOM/New Museology, especially from key players in the history of the movement and their thoughts, opinions and analyses; and
- historical-chronological compilation of the documents and events that preceded and influenced the evolution of the MINOM/New Museology.

### **Second phase: Analysis and development**

The information and the results obtained in the previous phase will enable to perform the following tasks:

- definition of the methodological framework to be developed for the Documentary Center, as well as the type of documents to be selected, the bibliographic context, classification systems, electronic formats, possible groupings and the limitations of this research;
- conception of a digital model (in Microsoft Access) that allows for the organization of and interrelation between the documents and records found during the research phase and the events that were relevant for the emergence and evolution of the MINOM/New Museology. The proposed database format will provide an easy access to the information and its synthesis, as well as ensure the future integration of new documents and its growth and continuous improvement; and
- the digital processing, based on the developed model, of all the documentation previously selected and organized about the MINOM/New Museology.

## AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho obrigou, desde início, ao envolvimento do maior número possível de pessoas que se tivessem relacionado ou actualmente se relacionassem com o MINOM, de modo a poder conhecer a sequência de factos e acontecimentos ligados ao movimento através dos anos e recolher o maior número possível de depoimentos e documentos. A generosidade e boa vontade com que as diversas personalidades e entidades receberam os pedidos e responderam às nossas solicitações durante os contactos realizados, foram fundamentais para o resultado final.

Para além da incansável atitude de ajuda e crítica construtiva do orientador desta dissertação, Professor Dr. Mário Moutinho, será imprescindível destacar, na área dos conteúdos, o apoio incondicional e as observações sempre oportunas de duas personalidades incontornáveis da Nova Museologia, o historiador e consultor de Desenvolvimento Local, Dr. Hugues de Varine e o Museólogo Dr. Pierre Mayrand, um dos pilares do MINOM. Para a criação e organização do Núcleo Documental, foram de grande utilidade as directrizes rigorosas da directora da biblioteca da Universidade Lusófona, Dra. Gisélia Felício, que sugeriu as regras e normas a respeitar na arrumação e catalogação dos documentos. A criação da base de dados, implementada em Microsoft Access 2002, não teria sido possível sem a gentileza, paciência e profundos conhecimentos sobre o tema, do antigo Administrador de Bases de Dados da TAP, Transportes Aéreos Portugueses, Sr. José Viana, a quem se deve exclusivamente a sua concepção. O apoio na correcta explicitação dos termos informáticos e a realização da imagem gráfica das bases de dados foram garantidos pela docente da área de Informática na Universidade Católica, Dra. Teresa Guarda, a quem dedicamos um especial obrigada.

Finalmente e, com os agradecimentos prévios a todos quantos de algum modo prestaram a sua colaboração e não são mencionados neste documento, devemos uma especial menção a:

PORTUGAL:	ALFREDO TINOCO	ESPAÑA:	EULÁLIA JANER
	ANTÓNIO NABAIS		MATEO ANDRÉS
	CÉSAR LOPES		XOSÉ CARLOS SIERRA
	CLARA CAMACHO	MÉXICO:	MIRIAN ARROYO
	CLÁUDIO TORRES		RAUL LUGO
	DAVID TEIXEIRA	FRANÇA:	ALEXANDRE DELARGES
	FERNANDO JOÃO MOREIRA		ANTOINE DE BARY
	GRAÇA FILIPE	BRASIL:	ODALICE PRIOSTI
	JUDITE PRIMO	ITÁLIA	MAURIZZIO MAGGI
	LILIANA PÓ VOAS		

## **GLOSSÁRIO DE TERMOS INFORMÁTICOS APLICÁVEIS**

### **Base de Dados (BD)**

Uma base de dados é um conjunto de dados relacionados, de acordo com uma ou várias regras e determinado objectivo. As BD's, não são mais que um conjunto de ficheiros ou tabelas, que representam a realidade, recorrendo a um esquema conceptual.

### **Esquema conceptual**

Representação das entidades componentes do sistema e suas características, assim como as ligações lógicas entre as entidades.

### **Base de Dados Relacional (BDR)**

As BDR's, têm inerente a si, todos os conceitos das BD's. Para além da organização da informação, possibilitam a criação de relacionamentos entre grupos de informação distintos. No modelo relacional, os dados são representados como um conjunto de tabelas, com linhas e colunas. Para simplificar a linguagem, a cada coluna podemos chamar Campo e a cada linha Registo. Os registos entre tabelas diferentes podem-se relacionar através de campos chave. Uma base de dados relacional consiste num conjunto de tabelas normalizadas. – os campos ou atributos.

### **Entidade**

Assunto acerca do qual queremos guardar informação. Por exemplo: documento, instituição.

### **Tabela**

Uma tabela é a representação física da entidade, ou seja, é a sua implementação.

### **Campos ou atributos**

Conjunto de características sobre as quais se pretende guardar informação e que definem uma tabela.

### **Relações**

Estabelecem ligações entre Entidades.

### **ID - Identificador ou chave**

Atributo ou atributo que identificam de forma única um registo ou ocorrência de uma tabela.

### **Consulta**

A consulta disponibiliza conjuntos de informações com base em critérios de selecção de dados das tabelas, definidos pelo utilizador. A consulta permite a alteração dos conteúdos.

### **Relatório**

O relatório disponibiliza os dados das tabelas e das consultas, permitindo personalizar a configuração das páginas. Não é possível a alteração dos conteúdos.

## **GLOSSÁRIO DE SIGLAS**

<b>AG</b>	- Assembleia Geral MINOM
<b>APOM</b>	- Associação de Museologia
<b>BD</b>	- Bases de Dados
<b>BDR</b>	- Base de Dados Relacional
<b>CA</b>	- Conselho de Administração MINOM
<b>CESM</b>	- Centro de Estudos de Sociomuseologia
<b>MINOM</b>	- Movimento Internacional para uma Nova Museologia
<b>M.N.E.S</b>	- Muséologie nouvelle et experimentation sociale
<b>NDM</b>	- Núcleo Documental MINOM
<b>SIGNUD</b>	- Sistema de Informação e Gestão de Núcleos Documentais
<b>ULHT</b>	- Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

## **GLOSSÁRIO DE EXPRESSÕES**

**Cota Doc. + série de números** - Referência ao documento do NDM, que pode ser pesquisado na tabela documento da BD pela cota indicada.

**Acont. ID + número** - Referência ao acontecimento do NDM, que pode ser pesquisado na tabela.



## ÍNDICE PARTE 1

<b>1 - APRESENTAÇÃO GERAL</b>	<b>8</b>
<b>1.1 - JUSTIFICAÇÃO E OBJECTIVOS</b>	<b>8</b>
<b>2 - O NÚCLEO DOCUMENTAL MINOM</b>	<b>11</b>
<b>2.1 - INVESTIGAÇÃO, PESQUISA E DEFINIÇÕES</b>	<b>11</b>
2.1.1 - A Documentação e informação recolhida	11
2.1.2 - O Âmbito Bibliográfico	11
2.1.3 - Inspiradores, promotores e simpatizantes	12
2.1.4 - O Questionário	13
2.1.5 - A Definição do Suporte documental em papel	15
2.1.6 - A Definição do suporte documental informático	15
2.1.7 - Os Limites da pesquisa	16
<b>2.2 - ORGANIZAÇÃO E EXECUÇÃO</b>	<b>17</b>
2.2.1 - A Documentação em suporte de papel	17
Dossiers de arquivo MINOM	17
Pastas de arquivo de originais	18
2.2.2 - A Documentação em suporte informático	19
Breve introdução às bases de dados Access	19
O modelo de dados da aplicação SIGNUD para o MINOM	20
Os formulários de preenchimento	23
As tabelas Documento e Acontecimento	24
Introdução e tratamento da informação	24
<b>2.3 - UTILIZAÇÃO E POTENCIALIDADES DA BASE DE DADOS</b>	<b>26</b>
2.3.1 - O crescimento do Núcleo Documental	26
2.3.2 - O acesso à informação e a relação entre ficheiros	26
2.3.3 - A disponibilização do Núcleo Documental na Internet	27
2.3.4 - A disponibilização da base de dados para outros investigadores	28
<b>3 - BREVE APROXIMAÇÃO ÀS ORIGENS DO MINOM</b>	<b>29</b>
<b>3.1 - INTRODUÇÃO</b>	<b>29</b>
<b>3.2 - OS ANTECEDENTES HISTÓRICOS DO MINOM</b>	<b>32</b>

<b>3.3 - OS ANTECEDENTES MUSEOLÓGICOS DO MINOM. 1949 - 1970</b>	<b>34</b>
<b>3.3.1 - O papel do ICOM e da sociedade no lançamento da Museologia Social</b>	<b>34</b>
<b>3.3.2 - A experiência no terreno e a afirmação da comunidade</b>	<b>37</b>
<b>3.4 - A CONSOLIDAÇÃO DE IDEIAS E EXPERIÊNCIAS. 1970 - 1984</b>	<b>44</b>
<b>3.4.1 - As novas teorias e práticas museológicas</b>	<b>44</b>
A palavra ecomuseu	45
O Ecomuseu de Le Creusot / Montceau-les-Mines	46
<b>3.4.2 - O ano de 1972 e a Mesa Redonda de Santiago de Chile</b>	<b>48</b>
<b>3.4.3 - A evolução e a consolidação das novas ideias em Europa</b>	<b>52</b>
<b>3.4.4 - A expansão mundial das novas ideias</b>	<b>56</b>
O Ecomuseu de Haute Beauce	58
<b>3.4.5 - O ano de 1983 e os acontecimentos anteriores ao nascimento do MINOM</b>	<b>59</b>
<b>3.4.6 - Os últimos preparativos para o nascimento do MINOM</b>	<b>61</b>
<b>3.5 - PORTUGAL ANTES DO MINOM</b>	<b>64</b>
<b>3.5.1 - A revolução de Abril e a modernização da mentalidade museológica</b>	<b>64</b>
<b>3.5.2 - As primeiras experiências no terreno da museologia social portuguesa</b>	<b>66</b>
O Ecomuseu do Seixal	67
O Museu Etnológico de Monte Redondo	70
<b>3.5.3 - Portugal e o I Atelier Internacional Ecomuseus / Nova Museologia de Quebec</b>	<b>71</b>
<b>3.6 - MINOM - MOVIMENTO INTERNACIONAL PARA UMA NOVA MUSEOLOGIA</b>	<b>73</b>
<b>3.6.1 - O nascimento do MINOM</b>	<b>73</b>
O I Atelier Internacional Ecomuseus / Nova Museologia.	73
<b>3.7 - A MODO DE CONCLUSÃO</b>	<b>79</b>
 <b>ANEXOS</b>	 <b>81</b>

**INFORMAÇÃO DO NÚCLEO DOCUMENTAL MINOM**

**Manual de Utilizador SIGNUD**

**Informação sobre o MINOM em formato Consulta**

**Consulta Acontecimentos MINOM**

**Consulta Documentos MINOM**

**Informação MINOM em formato Relatório**

**Cronologia MINOM Geral**

**Cronologia MINOM Portugal**

**Relatórios específicos MINOM**

**Ateliers Internacionais MINOM**

**Assembleias-gerais MINOM**

**Jornadas sobre a Função Social do MINOM**

**BIBLIOGRAFIA**

**Livros**

**Boletins**

**Revistas**

**Teses e Monografias**

## **1 - APRESENTAÇÃO GERAL**

### **1.1 - JUSTIFICAÇÃO E OBJECTIVOS**

O objectivo inicial deste trabalho era o de realizar uma Introdução à História do MINOM, Movimento Internacional para uma Nova Museologia. O nosso interesse pessoal pela ideologia e pelas actividades deste movimento de intervenção social no mundo da Museologia e o facto desta dissertação ser realizada na Universidade Lusófona, na área do Mestrado em Museologia Social justificaram esta escolha. Contribuiu ainda para a decisão, a existência nesta universidade de um Centro de Estudos de Sóciomuseologia, que desenvolve, apoia e promove acções ligadas à Nova Museologia e à Museologia Social em Portugal e no mundo e que realiza edições regulares sobre a temática, mantendo estreitas relações com outras universidades, nesta área.

Também foi tomado em consideração o facto de o MINOM ter formalizado a sua existência em Portugal em 1985, pelo que se torna um movimento de especial interesse para o conhecimento da Museologia Portuguesa. Por esse mesmo motivo, constituiria um elemento de ajuda importante o facto de muitos de seus actores e intervenientes serem de nacionalidade portuguesa e residirem neste país, o que facilitaria o acesso à informação necessária para a realização do trabalho pretendido.

Na sequência das acções levadas ao cabo na fase de investigação, foi detectada a complexidade e dificuldade da tarefa no âmbito de uma dissertação de mestrado, dada a extensão mundial do movimento e a grande quantidade e importância dos documentos recolhidos que, no entanto, não abarcavam uma boa parte da sua actuação a nível internacional. Tornava-se necessário reunir uma maior quantidade de documentos, em países de continentes diferentes, para poder compreender globalmente o MINOM em todas as suas valências. Esta recolha implicava um tempo e umas dificuldades incompatíveis com um trabalho destas características. Para além disso, era ainda imprescindível a organização e compreensão da documentação recolhida, o que exigia o seu tratamento prévio. Só depois seria possível iniciar a elaboração da História pretendida.

A necessidade e conveniência de garantir a realização futura desse primeiro objectivo, bem como a de promover a divulgação do pensamento e da vasta produção teórica e de experimentação no terreno do MINOM, levou-nos a dedicar os trabalhos da dissertação de mestrado à recolha e organização de todo o acervo documental MINOM possível e à concepção de um modelo informático de tratamento e interpretação dessa mesma documentação, cuja

consulta permitisse a elaboração de trabalhos científicos históricos e de investigação, bem como outro tipo de iniciativas, que pudessem apoiar a difusão e expansão dos seus propósitos.

Durante o desenvolvimento deste trabalho e, principalmente, na fase de concepção da base de dados, pareceu-nos que o modelo informático que estava sendo definido para a criação do Núcleo Documental MINOM, poderia ser de utilidade em trabalhos de organização documental semelhantes, especialmente na organização e compreensão de acervos museológicos de tipo documental, histórico ou de memória. Este sistema de organização e interpretação de acervos documentais poderia ainda, nos trabalhos de investigação participativa, valorizar e facilitar de forma visível a colaboração das populações, no empréstimo ou cedência de património documental, fortalecendo assim a sua participação nos processos culturais. Por outro lado, a crescente utilização dos suportes informáticos e o actual desenvolvimento da museologia local e de identidade, tornavam esta perspectiva encorajadora, reforçando e ampliando os objectivos iniciais que nos tínhamos proposto.

Por esse motivo, é ainda disponibilizada com este trabalho a aplicação Sistema de Interpretação e Gestão de Núcleos Documentais - SIGNUD - que, acompanhada de um breve Manual de Utilizador, poderá ser disponibilizada a eventuais interessados.

A base de dados relacional concebida serviu fundamentalmente para organizar o Núcleo documental que hoje apresentamos. Apesar de serem já visíveis as suas potencialidades neste trabalho, estamos certos que poderá ser melhorada e adequada, no campo da Informática, da Documentação e da Museologia, tanto para este como para outros fins, com as sucessivas utilizações e com as sugestões de especialistas.

Com os trabalhos realizados pretendemos ter atingido os seguintes objectivos:

- Criar as bases para o estudo e análise da história do MINOM, Movimento Internacional para uma Nova Museologia e dos movimentos e experiências museológicas que acompanharam o seu desenvolvimento;
- Promover a existência de um núcleo documental informático e sistematizado no Centro de Estudos de Sócio-Museologia da Universidade Lusófona, para o estudo da Museologia Social e Comunitária e da Ecomuseologia, que responda às necessidades de pesquisa sobre o tema;
- Sugerir um modelo informático de abordagem normalizada e acessível, para a organização e interpretação de material de pesquisa, em projectos de investigação e em trabalhos ligados à estruturação histórico documental e à museologia local, que pretendam colocar a informática e as suas potencialidades ao serviço da investigação.

Pensamos que este trabalho poderá responder ao desafio que nos propusemos, principalmente no que diz respeito à preparação e disponibilização organizada e compreensível do acervo documental MINOM. O resultado final, constituído por doze dossiers organizados de documentação MINOM, duas pastas de documentos originais MINOM, um CD-ROM com a base de dados relacional dedicada ao MINOM e um CD-ROM com a mesma base de dados sem registos a que chamamos SIGNUD, é entregue à Universidade Lusófona, com a explicitação da dissertação.

Caso a Universidade Lusófona assim o entenda, será desejável a disponibilização do Núcleo Documental agora apresentado, no âmbito do Centro de Estudos de Sociomuseologia da Universidade Lusófona, de modo a permitir o acesso à informação nele contida e a realização de pesquisa e investigação sobre o tema. A futura digitalização dos documentos mais importantes será também aconselhável, para dar uma dimensão internacional a estas possibilidades, através da Internet.

Esperamos ser dos primeiros a poder recorrer a este Núcleo Documental, para enriquece-lo e complementá-lo com nova documentação e informação, bem como para realizar o trabalho de aproximação à História do MINOM, que inicialmente nos tínhamos proposto.

## **2 - O NÚCLEO DOCUMENTAL MINOM**

O resultado fundamental desta dissertação de Mestrado está formado, como já foi dito, pelos primeiros elementos organizados para a constituição do Núcleo Documental MINOM de acordo com uma proposta específica de organização documental. As especiais características deste trabalho, em muitos aspectos diferente de uma dissertação de Mestrado tradicional, implicam alguns esclarecimentos, no que diz respeito à metodologia e ao tipo de trabalho realizado. Nesse sentido, explicitaremos agora os passos dados no seu desenvolvimento.

### **2.1 - INVESTIGAÇÃO, PESQUISA E DEFINIÇÕES**

#### **2.1.1 - A Documentação e informação recolhida**

Durante todo o processo de realização deste trabalho, tentamos fazer a recolha mais exaustiva possível de documentos, dados e depoimentos e também de bibliografia. Esta recolha foi realizada junto do maior número possível de intervenientes ligados ao processo de criação e desenvolvimento do movimento. Durante os contactos, foi solicitada a actores, promotores e simpatizantes do MINOM, a entrega daquela documentação, que considerassem fundamental para o seu conhecimento e estudo.

A base documental agrupa assim uma grande variedade de documentos entregues, que incluem nomeadamente bibliografia, correspondência, textos, extractos de encontros, secções de livros e revistas, rascunhos ou declarações e também outros documentos entretanto por nós seleccionados e recolhidos, por serem considerados importantes para compreender e complementar a História e o desenvolvimento do MINOM.

#### **2.1.2 - O Âmbito Bibliográfico**

Existem ainda muito poucos livros exclusivamente dedicados ao MINOM, sendo este movimento, no entanto, referenciado com frequência em revistas Museológicas de Instituições privadas e públicas e constando algumas das reflexões de seus actores e protagonistas em livros e revistas da especialidade. Existem alguns livros, revistas e trabalhos fundamentais de recolha de testemunhos, bibliografia e textos, como a publicação *VAGUES* do grupo M.N.E.S., dedicada à Nova Museologia, os *Cadernos MINOM*, os *Cadernos de Sociomuseologia* da Universidade Lusófona, a Revista *Publics et Musées* no seu número 17/18 dedicado aos ecomuseus, a edição

em 1985 do número 148 da Revista do ICOM, *Museum: Images de l'ecomusée*,<sup>1</sup> ou a extensa Bibliografia de Paule Doucet disponível na Internet sobre o tema. No entanto, ainda se encontra por publicar um enorme manancial de documentação de reflexão sobre a Nova Museologia e sobre a Museologia Comunitária, desenvolvida dentro e fora do MINOM.

Neste trabalho apenas será referida a bibliografia encontrada e consultada que refere especificamente o MINOM, ou que foi indicada como fundamental pelos intervenientes contactados.

### **2.1.3 - Inspiradores, promotores e simpatizantes**

Não seria possível neste trabalho, fazer uma explicitação ou avaliação de desempenho individualizado dos diversos intervenientes que foram detectados nos documentos, encontros e questionários, nem tão pouco dos seus respectivos contributos para o movimento. Do mesmo modo, a falta de alguns acervos documentais fundamentais e as informações incompletas sobre o MINOM a nível mundial, podem provocar lacunas graves, na indicação dos intervenientes nos diversos países. Por esse motivo, não deverá ser considerada como exaustiva a lista das personagens indicadas como “ACTORES”. Os contactos efectuados e a leitura da documentação recolhida permitiram apenas apontar aquelas individualidades que mais frequentemente participaram ou intervieram nos diversos momentos que antecederam, caracterizaram e ainda caracterizam o movimento, no período em análise. Do mesmo modo, a ordem em que são indicados corresponde apenas a uma rápida apreciação da sua presença nos diversos eventos e documentos tratados. Um tratamento posterior mais apurado dos dados deste Núcleo Documental, o seu enriquecimento com nova documentação, as correcções, considerações e recomendações das entidades envolvidas ou interessadas no tema e os posteriores trabalhos de pesquisa, poderão e deverão redefinir e completar estas indicações iniciais. (A lista de individualidades consideradas até à data de apresentação deste trabalho, encontra-se no capítulo dedicado à documentação em suporte informático).

Recorremos, no entanto às definições de Pierre Mayrand para ajudar a esclarecer esta circunstância e orientar eventualmente futuras pesquisas e trabalhos:

*...dans l'évolution de ce processus qui rassemble environ 1000 personnes, certaines apparaissent comme de **figures de proie** (il y a une vingtaine), qui caractérisent le mouvement (Varine, Moutinho) ; d'autres comme des **étoiles filantes**, l'éclairent le temps d'une rencontre (Kinnard, Bedekair) ; il y a aussi*

---

<sup>1</sup> Cf.: Revista do ICOM, *Museum: Images de l'ecomusée*. (Cota Doc. 1985-002-04)



*les phares, qui émergent de la nuit du mouvement (Rivière). A l'arrière, se profilent une multitude d'organisations communautaires et plusieurs associations, dont la personnalité entretient vivant le lien entre la révolution populaire et les figures emblématiques qui l'alimentent...*<sup>2</sup>

#### **2.1.4 - O Questionário**

Em simultâneo com o levantamento documental e bibliográfico, foi elaborado um questionário, que foi dirigido por escrito a alguns dos intervenientes mais referenciados nos documentos e nas entrevistas realizadas. Com as respostas ao questionário enviado pretendíamos complementar a informação obtida através da leitura da documentação recolhida, bem como das entrevistas e conversas informais efectuadas. Foi assim possível realizar o levantamento dos principais acontecimentos que, segundo os actores e intervenientes contactados, marcaram a história do MINOM nos diversos países, bem como completar as necessárias lacunas de informação, detectadas na organização inicial da documentação. O questionário encontra-se em fase de envio/devolução para algumas individualidades e poderá ser ainda enviado no futuro para outras, cujo contacto não foi adquirido até à data. Os depoimentos obtidos permitirão entretanto, aumentar a quantidade e qualidade dos dados existentes e corrigir eventuais erros ou deficiências, no tratamento da informação já realizado.

Este questionário, que foi enviado à diversas individualidades relacionadas com o MINOM, em Português, Inglês e Francês, solicitando uma interpretação pessoal do contributo de pessoas e organizações ao desenvolvimento do movimento, consta do conteúdo que se segue:

1. QUAIS SÃO, EM SUA OPINIÃO, AS PERSONALIDADES QUE MAIS INFLUENCIARAM OU PROTAGONIZARAM A CRIAÇÃO E EVOLUÇÃO DO MINOM NO MUNDO E NO SEU PAÍS?

Qui sont les principaux acteurs de la création et de l'évolution du MINOM dans le monde et dans votre pays ?

In your opinion who are the individuals that were most decisive in the creation and evolution of MINOM/New Museology: 1) in the world; and 2) in your own country ?

2. QUAIS LHE PARECEM AS PRINCIPAIS RAZÕES QUE PROVOCARAM O NASCIMENTO DO MINOM?

Quelles sont à votre avis les causes de la fondation du MINOM ?

In your opinion what were the causes that led to the creation of MINOM/New Museology ?

---

<sup>2</sup> Texto retirado da resposta manuscrita de Pierre Mayrand ao questionário que lhe foi enviado, no decurso dos trabalhos desta dissertação, que se encontra em fase de transcrição e tradução.

3. QUE PROJECTOS ECOMUSEOLÓGICOS LHE PARECEM MAIS DESTACADOS NA FASE DO APARECIMENTO DO MODELO?

Quels projets écomuséologiques vous paraissent les plus significatifs dans la phase de constitution du modèle ?

Which eco-museum projects do you consider the most significant in the initial phase of this model ?

4. QUAL A DISTINÇÃO QUE LHE PARECE MAIS MARCANTE ENTRE OS DIVERSOS PROJECTOS ECOMUSEOLÓGICOS QUE NASCERAM NOS ANOS 70/80, (HAUTE BEAUCE, LE CREUSOT, MOLINOS, ETC), TOMANDO EM CONSIDERAÇÃO A MÚLTIPLA VISÃO DOS PRINCÍPIOS DA ECOMUSEOLOGIA EM CADA PAÍS?

Quelles sont pour vous les différences les plus notables entre les projets écomuséologiques qui sont apparus dans les années 70 et 80 (Haute Beauce, le Creusot, Molinos, etc.), compte tenu du contexte des pays où ils sont nés et de leur fidélité aux principes de l'écomuséologie ?

What were the most distinctive traits of the eco-museum projects that emerged in the 1970s and 1980s (e.g. Haute-Beauce, Le Creusot, Molinos) taking into consideration the national contexts where the principles of eco-museology were applied ?

5. QUAL LHE PARECE QUE FOI O PRINCIPAL VÍNCULO QUE UNIU AS NOVAS TIPOLOGIAS DE MUSEUS SOCIAIS COMO PRÁTICA MUSEOLÓGICA, O MINOM COMO ORGANIZAÇÃO E A NOVA MUSEOLOGIA, COMO PRINCÍPIO IDEOLÓGICO?

Quelle est la relation principale entre les nouvelles formules de muséologie sociale, en tant que pratique muséologique, le MINOM comme organisation et la Nouvelle Muséologie, comme principe idéologique ?

What is the main link between the new typologies for social museums (as museological practice), MINOM (as an organization), and New Museology (as an ideological principle) ?

6. QUAIS OS ACONTECIMENTOS FUNDAMENTAIS LIGADOS AO MINOM, NO SEU PAÍS?

Quels sont les évènements les plus marquants concernant le MINOM, dans votre pays ?

What are the most important events in the history of MINOM/New Museology in your country?

7. QUAL FOI O PRINCIPAL CONTRIBUTO DO SEU PAÍS PARA O NASCIMENTO DA NOVA MUSEOLOGIA. COMO É VIVIDA NA ACTUALIDADE?

Quelle a été la principale contribution de votre pays à la naissance de la nouvelle muséologie. Comment est elle vécue actuellement ?

What is the major contribution of your country to the origin of New Museology ? How is New Museology approached currently?

8. A GLOBALIZAÇÃO ESTÁ A EVIDENCIAR ACTUALMENTE O PROTAGONISMO E A LUTA DOS POVOS, PELA DEFESA DA SUA IDENTIDADE E O SEU PROGRESSIVO E FORTE DESEJO DE INTERVENÇÃO NA VIDA POLÍTICA MUNDIAL E NA ESCOLHA DO SEU DESTINO. FACE A EXIGÊNCIA, CADA VEZ MAIS FORTE DESSES MESMOS POVOS POR UMA EDUCAÇÃO LIVRE E FUNDAMENTADA NOS DIREITOS HUMANOS, QUAIS SÃO AS SUAS PERSPECTIVAS PARA O FUTURO DO MINOM NESTE MODELO EM DESENVOLVIMENTO?

La mondialisation met en évidence l'engagement et la détermination des peuples à lutter pour le maintien de leur identité, leur désir de plus en plus fort d'intervenir dans la vie politique mondiale et dans le choix de leur destinée,

enfin l'exigence toujours plus forte de ces mêmes peuples pour une éducation libre et fondée sur les droits humains. Quelles perspectives voyez-vous pour l'avenir du MINOM, par rapport à l'apparition de ce modèle ?

Globalization is stressing the need for the direct engagement of nations in defense of their identity, their increasing interest in participating in global political decisions and the choice of their destiny, and the growing demand for a truly free education based in human rights.

How can you see the future of MINOM/New Museology within the context of this emerging model?

### **2.1.5 - A Definição do Suporte documental em papel**

Numa primeira fase, os documentos em suporte de papel foram fotocopiados e organizados cronologicamente em dossiers de arquivo, expurgando repetições. A leitura dos documentos e os contactos e respostas aos questionários permitiram a realização de uma Cronologia dos principais acontecimentos e detectar, através dela, algumas lacunas significativas no espólio recolhido. Este facto facilitou a procura concreta de novos documentos fundamentais para a sequência histórica que se pretendia e, quando encontrados, a sua introdução nos dossiers de documentação entretanto organizados. A cada documento foi ainda atribuído um número de cota, que permitisse a sua identificação.

Mas a organização cronológica também permitiu detectar, já nesta fase dos trabalhos, a dificuldade anteriormente indicada de realizar uma correcta aproximação à história do MINOM, com os documentos e dados disponíveis. Ao mesmo tempo, foi compreendida a conveniência e as vantagens de um modelo informático, que tornasse eficaz o trabalho de classificação e catalogação imprescindível, para a organização e tratamento desses mesmos documentos e dados. As tarefas de organização do espólio documental em suporte de papel, foram então suspensas, passando a ser concebido e desenvolvido um suporte documental informático, que deveria interpretar e relacionar a informação disponível.

### **2.1.6 - A Definição do suporte documental informático**

Constatada a necessidade e conveniência de um sistema de organização informático, que permitisse uma rápida e eficiente classificação, catalogação e interpretação dos documentos recolhidos, foi consultado um administrador de base de dados, que se prontificou a colaborar e realizar o trabalho. A base de dados foi desenvolvida com o contributo de especialistas nas áreas de documentação, museologia, informática e história, de modo a permitir a obtenção dos resultados pretendidos. A base de dados relacional assim desenvolvida sob Microsoft Access, é uma aplicação a que foi dada a designação de “**Sistema de Interpretação e Gestão de Núcleos Documentais**”, **SIGNUD**, que após a introdução e explicitação dos documentos permite e facilita as mais variadas possibilidades de consulta e tratamento dos dados introduzidos. Permite

ainda relacionar acontecimentos e documentos, ao mesmo tempo que garante a referenciação da documentação em suporte de papel.

Para este sistema foram estabelecidos três objectivos finais:

- O modelo encontrado deveria constituir uma base de dados de tipo documental aberta e de fácil actualização e consulta sobre o MINOM, permitindo a elaboração de pesquisas e relatórios com os mais variados critérios de selecção e ordenação;
- A base de dados concebida deveria constituir um modelo informático de classificação e interpretação para o trabalho de outros investigadores, defrontados com a necessidade de organizar material documental e de pesquisa semelhante;
- A organização informática dos dados obedeceria às normas de catalogação de livros e documentos para o suporte tradicional em papel, desde que estas não prejudicassem o acesso à informação que a catalogação de documentos em base de dados informática permite.

### **2.1.7 - Os Limites da pesquisa**

Do ponto de vista do conteúdo e como já foi dito, a extensão mundial do movimento de renovação museológica social que teve início nos anos sessenta do século XX e a variedade de propostas e soluções que surgiram posteriormente, tanto teóricas como experimentais, tornam esta primeira abordagem ao estudo do movimento necessariamente incompleta. Os representantes ou antigos intervenientes de muitos países em que o MINOM se desenvolveu ou ainda se desenvolve, não foram ainda contactados, por desconhecimento dos endereços ou por dificuldades criadas pela distância existente, como no caso da Índia ou da China, onde a Museologia Comunitária tem desenvolvimentos de enorme importância. Em acréscimo, o forte relacionamento da Ecomuseologia e a Nova Museologia com o MINOM, torna difícil a separação de temáticas e, conseqüentemente a sua referenciação. Esta iniciativa constitui, portanto, apenas o início de uma pesquisa muito mais vasta, que poderá ser desenvolvida e continuada, no âmbito das actividades do Centro de Estudos de Sociomuseologia da Universidade Lusófona. O principal objectivo deste trabalho é constituir um ponto de partida organizado, sistemático e aberto, que permita concretizar programas futuros de investigação, reflexão e acção dentro e fora do MINOM, com base no importante manancial de produção teórica e de experimentação, que foi acumulada pela organização nos últimos 30 anos.

Do ponto de vista temporal, foi estabelecido o limite entre 1946, data da criação do ICOM, Conselho Internacional dos Museus e 2004 inclusive, ano em que foi interrompida introdução e tratamento de novos documentos, relativa a datas posteriores.

## **2.2 - ORGANIZAÇÃO E EXECUÇÃO**

Concluída a concepção da aplicação em Access e definidas as tarefas que permitiriam o preenchimento desta e a organização adequada do acervo documental em papel, todo o trabalho passou a ser executado de acordo com as regras estabelecidas. Explicitaremos neste capítulo as regras que permitem a organização e compreensão do trabalho realizado em suporte de papel e informático.

Com a aplicação sem registos, SIGNUD, será entregue um Manual de Utilizador da base de dados geral. No entanto, dado que a base de dados foi testada e melhorada durante a realização do Núcleo Documental MINOM, utilizaremos a própria base de dados MINOM para exemplificar melhor o modelo geral criado e as suas características.

### **2.2.1 - A Documentação em suporte de papel**

#### **Dossiers de arquivo MINOM**

Seleção de documentos:

- Encontram-se no arquivo os documentos entregues pelas entidades entrevistadas e consultadas. Como já foi indicado, assumiu-se como critério inicial, que seriam guardadas através do tempo e entregues pelos intervenientes abordados, aqueles documentos considerados fundamentais para a memória do MINOM.
- Encontram-se ainda no arquivo, aqueles documentos considerados como relevantes para os principais momentos de desenvolvimento do tema, por terem sido encontrados ou deliberadamente procurados, na sequência da pesquisa.
- Um documento poderá estar formado por diversos documentos, se a sua separação não for considerada conveniente (Por exemplo: as Actas de um Atelier). Podem existir, no entanto, documentos fotocopiados do conteúdo destes conjuntos, arquivados unitariamente pelo seu interesse, sendo nestes casos referidos como tal.

Organização dos documentos:

- A organização é cronológica. Os separadores de ano e mes, quando existentes, são destacados por separadores A4 em cartolina e papel azul.
- A quantidade de documentos agrupados do ponto de vista cronológico em cada dossier obedece apenas ao critério de dimensão dos dossiers de arquivo utilizados, sendo possível a sua ampliação permanente, com a introdução de novos documentos e dossiers.

#### Material no Arquivo:

- Todos os documentos do arquivo são fotocópias. Os documentos originais, quando existem, encontram-se em arquivo próprio, organizado cronologicamente.
- Cada conjunto de folhas de um mesmo documento está agrafado, salvo nos conjuntos de grande dimensão, onde o agrupamento é feito por separador em papel A3.
- Os documentos são arquivados e catalogada uma única vez, independentemente das vezes em que foram recebidos, salvo no caso de serem destacados de um conjunto pelo seu especial interesse, como anteriormente indicado.
- Os documentos são arquivados na data em que foram produzidos pelos autores, com a data de produção inserida no topo esquerdo da primeira folha, salvo que esta se encontre claramente visível no próprio documento. (O critério de arquivo por data de produção obedece à necessidade de compreender a sequência correcta no tempo, do nascimento e autoria dos conceitos, princípios e valores e da evolução do próprio pensamento dentro do MINOM.)
- Quando o documento não tem data completa identificável, é arrumado no início do ano ou do mês conhecido.
- Quando o documento não tem datação é arrumado no ano da última referência temática ou bibliográfica encontrada.
- Quando o documento forma parte de blocos de “selecção de documentos” destinados a distribuição MINOM ou de outras organizações, são referidos apenas em índice na data de produção da selecção. Deverão ser procurados para leitura, pela data de produção.
- Todos os documentos estão identificados com um número de cota chamada “Cota Documental”, que é utilizado como identificador na base de dados. Este número encontra-se provisoriamente escrito em papel tipo *postit*, colado ao documento. Poderá ser gravado posteriormente de forma indelével, caso este núcleo documental dê entrada nos registos da Biblioteca da Universidade Lusófona. A numeração dos documentos é sequenciada e realizada pelo seguinte critério:

Ano documento - Numero sequenciado - Ano de recolha

Por exemplo: 64-001-03

#### **Pastas de arquivo de originais**

Os documentos originais recebidos encontram-se arquivados em pastas próprias, por ordem cronológica e formam parte da documentação a entregar ao Centro de Estudos de

Sociomuseologia. Será conveniente estudar a possibilidade de a Universidade Lusófona vir a receber doações de espólios originais sobre esta temática. Este facto evitaria a sua perda irremediável e, ao mesmo tempo, enriqueceria a informação disponível no Núcleo Documental.

### **2.2.2 - A Documentação em suporte informático**

#### **Breve introdução às bases de dados Access**

A Microsoft Access é um Sistema de Gestão de Bases de Dados que permite a implementação de modelos relacionais das mesmas. Num modelo relacional a informação é agrupada em três elementos fundamentais: Entidades, Atributos e Relações.

**Entidade** é aquilo acerca do qual queremos guardar informação. Por exemplo: documento, instituição, acontecimento, personalidades, etc.

**Atributos** são as propriedades de cada entidade. Por exemplo: as características de um documento, o nome de uma pessoa, a data de publicação de um documento, a morada de uma instituição.

As **Relações** estabelecem ligações entre Entidades. Por exemplo: pessoa que escreveu um documento, instituição que realizou um acontecimento ou documento que justifica o acontecimento.

No Access toda a informação é organizada em tabelas. A cada Entidade corresponde uma tabela. Cada coluna da tabela contém os Atributos da Entidade.

Cada linha da tabela ou registo, contém todos os atributos de uma ocorrência da Entidade. Exemplificamos uma tabela com a Entidade Aluno:

**Imagem 1 - Tabelas aluno e Turma**

Nome	Data Nascimento	Nome pai	Nome mãe	Turma
José Lima	12-11-1987	João Lima	Joana Lima	6º- A
Maria Lemos	23-07-1988	Manuel Lemos	Elsa Lemos	6º- B
Tomás Reis	19-05-1988	Luís Reis	Maria Reis	6º- A

Turma	Sala
6º- A	1 A
6º- B	3 B
6º- A	3 A

A primeira linha da tabela contém os atributos do aluno José Lima, a segunda linha contém os da aluna Maria Lemos, etc. As Relações estabelecem-se entre Entidades, colocando numa das colunas de uma Entidade o conteúdo de uma coluna da outra Entidade. É o caso da coluna Turma na tabela Alunos.

### **O modelo de dados da aplicação SIGNUD para o MINOM**

Este sistema baseia-se em duas tabelas principais com as Entidades que são fundamentais ao seu funcionamento:

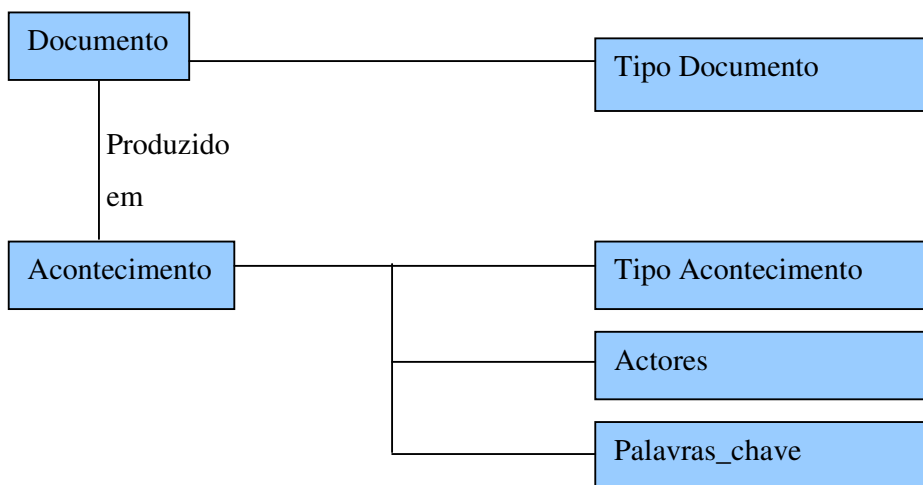
- Tabela **Documento**
- Tabela **Acontecimento**

Existem ainda algumas tabelas acessórias que são utilizadas como ferramenta de ajuda ou de validação na acção de carregamento de dados nas tabelas principais:

- Tabela **Tipo Documento**
- Tabela **Tipo Acontecimento**
- Tabela **Palavras-chave**
- Tabela **Actores**

As duas tabelas principais estão ligadas por uma relação, que é implementada com a existência, na tabela Documento, de uma coluna ID que identifica o Acontecimento em que foi produzido. A relação entre os itens pode ser compreendida através da imagem seguinte:

**Imagem 2 - Relacionamento entre tabelas**

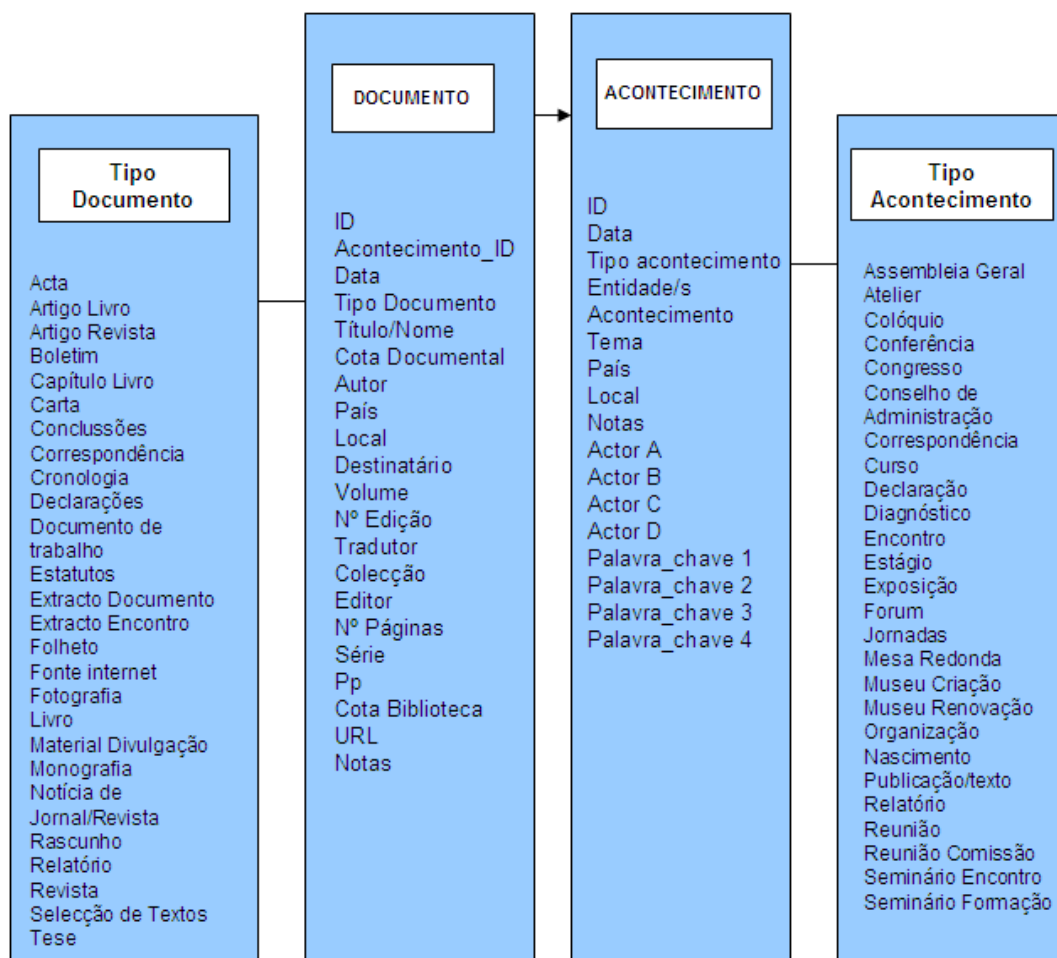




A escolha do conteúdo dos atributos **Tipo Documento** e **Tipo Acontecimento** resulta das características dos documentos e acontecimentos identificados ao longo da organização e introdução de dados e informações. O conteúdo destas tabelas acessórias pode ser acrescentado ou corrigido em qualquer momento do processo.

Os campos ou atributos que caracterizam as tabelas **Documento**, **Acontecimento**, **Tipo de Documento** e **Tipo de Acontecimento** seleccionados, encontram-se na imagem seguinte:

**Imagem 3 - Atributos das tabelas**



A escolha do conteúdo dos atributos **Actores** e **Palavras-chave** resulta da leitura dos documentos e da frequência com que os nomes e as expressões são encontrados, ao longo da organização e introdução de dados e informações. O conteúdo destas tabelas acessórias pode ser acrescentado ou corrigido em qualquer momento do processo.

As entidades indicadas como **Actores** e as frases descritas como **Palavras\_chave**, encontram-se na imagem seguinte:

Imagem 4 - Actores e palavras-chave

Actores	Palavras_chave
AGREN, Per Un ANDRÉS Mateu ARROYO, Myriam BARY, Marie Odile de BRITO, Carlos BRUNO, Cretina CAMACHO, Clara CAMARGO, Fernanda CARRASCO, Manuela CERÉ, Maude CHAGAS, Mário COSTA Heloisa CRESPO TORAL, Hernán DELARGES, Alexandre DESVALLEES, André DUCET, Paule DUCLOS, Jean-Claude EVRAD, Marcel FULLER, Nancy GAMEIRO, José GJESTRUM, John HAUENSCHILD, Andrea JANER, Eulália KENNEDY, Tom KINNARD, John LACCOUTOURE, Felipe LEHALLE, Evelyne LOPES, Cesar LUGO, Raul MAGGI, Maurizio MAURE, Marc MAYRAND, Pierre MENDOÇA, Eduardo MENSCH, Peter van der MOREIRA, Fernando MOURA SANTOS, Maria Célia MOUTINHO, Mário NABAIS, António NICOLAS, Alain NOEL, Michel PARREIRA, Rui PESSOA, Fernando PÓVOAS, Liliana PRIMO, Judite PRIOSTI, Odalice RANKIN, Dominique RIVARD, René RIVÈRE, Georges Henri SANTOS, Amindo dos SIERRA, Xosé Carlos STEVENSON, Sheila TINOCO, Alfredo TORRES, Claudio VARINE-BOHAM, Hugues de VAZQUEZ, Mário WASSERMANN, Françoise	Comunidade como protagonista Cultura Popular e Museus Definição de Museu Desenvolvimento sustentado Dimensão política do museu Educação Popular Função social dos museus Museologia Comunitária Museologia e Ambiente Museologia e Autarquias Museologia e Ecologia Museologia e Identidade Local Museologia e interdisciplinaridade Museologia e Migrações Museologia Participativa Museologia popular Museologia Social e Desenvolvimento Museologia Social e Gestão Cultural Museologia Social e Qualidade Museu e Património Natural Museus e Cultura Popular Museus e Democracia participativa Museus Locais e Desenvolvimento Nova Museologia e pedagogia Papel educativo dos museus Património e território envolvente Património imaterial e museus Teoria e Prática da Nova Museologia Território musealizado Turismo e Museus

## Os formulários de preenchimento

Para facilitar o preenchimento dos dados foram concebidos dois formulários com os mesmos nomes utilizados nas tabelas, **Documento** e **Acontecimento**, que permitem a introdução de dados de modo simplificado, concentrando toda a informação a introduzir no espaço disponível no ecrã do computador. O formato dos formulários é apresentado na imagem que se segue:

Imagem 5 - Formulário Acontecimento

ACONTECIMENTO

ID  País  Local  Entidade/s  Actores  Palavras chave

Acontecimento

Tema  Data  Tipo

Notas

Registro:  de 233

Imagem 6 - Formulário Documento

DOCUMENTO

ID  Tipo  Nº Páginas  Editor  Série

Título/Nome  Pp

Data  Cota Documental  Cota Biblioteca  URL

País  Autor  Local  Destinatário

Volume  Nº Edição  Tradutor  Colecção

Acontecimento ID  Notas

Existe ainda um terceiro formulário chamado **Formulário Acontecimento/Documento**, que permite a consulta e lançamento de dados em simultâneo para ambas tabelas, relacionando cada acontecimento com todos os documentos que lhe dizem respeito através do ID.

### **As tabelas Documento e Acontecimento**

Estas tabelas apresentam matricialmente todos os dados introduzidos, podendo ser utilizadas como qualquer outra tabela **Access**, mostrando ou ocultando colunas e ordenando-as alfanumericamente, em função das necessidades. Embora o preenchimento geral de dados seja realizado nos formulários próprios concebidos para esse fim, através da visualização geral e da ordenação das tabelas podem ser executadas diversas operações de organização, normalização e pesquisa, nomeadamente:



Em qualquer das tabelas:

- Normalizar e corrigir frases e expressões, para facilitar a pesquisa conjunta de documentos e acontecimentos;
- Realizar correcções pontuais às palavras ou aos conteúdos;
- Encontrar as últimas cotas documentais por ano que permitam a introdução sequenciada de documentos novos;
- Realizar pesquisas e escolhas de temas para Consultas ou Relatórios por quaisquer dos atributos disponíveis.

Na tabela **Acontecimento**:

- Consultar os documentos relacionados com os acontecimentos, através da coluna identificada com o símbolo “+”;
- Consultar por temáticas teóricas, através do **Palavras-chave**.

### **Introdução e tratamento da informação**

A tarefa de carregamento e introdução de dados ou informações numa base de dados deste tipo, enfrenta as dificuldades da falta de disciplina e normalização em muitos documentos e o facto de as normas ainda não estarem completamente definidas, para responder às múltiplas formas de apresentação dos documentos e dos seus conteúdos. Por esse motivo, optamos por alterar minimamente, quando necessário, a nomenclatura do documento, de modo a permitir uma pesquisa organizada.

Para introduzir os dados numa base de tipo relacional de forma adequada, torna-se necessária a compreensão dos documentos através da sua leitura integrada no contexto geral, de modo a permitir classificá-los e integrá-los no acontecimento correspondente. Assim mesmo, torna-se necessário conhecer a matéria tratada, de modo a poder interpretar e relacionar as informações encontradas. Por esse motivo, a tarefa de inserção de dados deverá ser sempre executada por pessoas conhecedoras da temática em estudo.

Para uma melhor compreensão e utilização dos recursos disponibilizados pela base de dados, aconselhamos a leitura do Manual SIGNUD do Utilizador, apresentado na parte 2 deste trabalho.

## 2.3 - UTILIZAÇÃO E POTENCIALIDADES DA BASE DE DADOS

### 2.3.1 - O crescimento do Núcleo Documental

A base de dados concebida permite em qualquer momento a introdução de novos documentos e acontecimentos, tanto no suporte informático como no suporte de papel, por um processo extremamente simples de numeração/datação, orientada pela própria base de dados, através dos seguintes passos:

No suporte informático:

1. Localizar na tabela correspondente a última cota documental do ano do documento ou acontecimento e identificar o documento como indicado anteriormente no ponto 2.2.1.
2. Introduzir sequencialmente os dados em um ou nos dois formulários, relacionando, caso necessário, o número do documento com o número do acontecimento, através do ID do **Acontecimento**, que consta na tabela **Documento**. (Se o documento não se relaciona com nenhum acontecimento em especial, deverá ser indicado como ID o acontecimento “Publicações/texto” do ano de produção)

No suporte de papel:

1. Identificar o documento fotocopiado com a cota documental definida na base de dados em papel *postit*.
2. Guardar o documento no ano, mês e dia correspondente, sequencialmente e entre as datas existentes em documentos próximos ou como indicado anteriormente em 2.2.1.

### 2.3.2 - O acesso à informação e a relação entre ficheiros

A grande vantagem da utilização da Microsoft Access no desenvolvimento desta aplicação, reside no facto de permitir, após o registo e tratamento dos dados, uma grande variedade de consultas e posteriores relatórios, baseados na capacidade do sistema para relacionar automaticamente entre si os dados introduzidos.

Praticamente, todas as combinações entre atributos são possíveis, resultando consultas e relatórios que identificam no concreto a informação pretendida.

A seguir apresenta-se um exemplo de **Consulta/Relatório** com base em selecção de atributos, que mostra a correspondência de Pierre Mayrand para Mário Moutinho em 1990.

**Imagem 7 - Tabela Documento**

Data	Tipo	Título/Nome	Cota Documental	Autor	Destinatário
1990-07-31	Correspondência	Carta a Mário Moutinho sobre Guiné e Monte Redondo	1990-017-04	MAYRAND, Pierre	MOUTINHO, Mário
1990-08	Correspondência	Projecto Guiné - Exposição em Canadá. Carta a Mário Moutinho	1990-020-04	MAYRAND, Pierre	MOUTINHO, Mário
1990-09-12	Correspondência	Jornadas sobre a Função Social do museu III - Carta justificando ausência	1990-026-04	MAYRAND, Pierre	MOUTINHO, Mário

Registo: 4 de 4 (Filtrado)

### **2.3.3 - A disponibilização do Núcleo Documental na Internet**

A disponibilização do Núcleo Documental na Internet para consulta poderá ser efectuada após apresentação desta dissertação e desde que seja obtida autorização pelos intervenientes mencionados e referidos na documentação registada. Através do Centro de Estudos de Sociomuseologia da Universidade Lusófona, poderá ser prestados serviços de informação em várias fases:

- Numa fase inicial, a disponibilização imediata de relatórios seleccionados pelo MINOM ou pelo Centro de Estudos de Sociomuseologia, com os dados que se considerem mais importantes para divulgação do movimento e suas ideias e que permitam uma informação genérica sobre os documentos disponíveis para consulta sobre o tema, na Biblioteca da Universidade Lusófona. Como medida de segurança, será, no entanto necessária a identificação por carimbo dos documentos actualmente numerados e identificados em papel *Posit*, para permitir, sem riscos de extravio de documentos, a utilização dos Dossiers. Em paralelo, o Site MINOM poderá disponibilizar, por consulta de correio electrónico, as informações ou relatórios que forem solicitados, desde que sejam disponibilizados no site, os atributos passíveis de consulta.

- Numa segunda fase, poderão ser identificados e seleccionados pelo Centro de Estudos de Sociomuseologia ou pelo próprio MINOM, todos aqueles documentos que sejam considerados importantes para sua divulgação. Assim, desde que existam os recursos humanos, técnicos e financeiros disponíveis, a base de dados e os documentos poderão ser acessíveis para consulta, através da Internet. A digitalização dos documentos considerados fundamentais nos conteúdos a tratar numa base de dados deste tipo, é o passo seguinte para tornar o acesso à informação completo e disponível na Internet. A integração posterior destes na base de dados apresentada, permitirá que seja possível a consulta total da informação, em qualquer parte do mundo.

- Em benefício do MINOM, este **sistema colaborativo aberto** permitira também realizar a pessoas ou estudiosos de países distantes ligados à Nova Museologia, aos Ecomuseus ou ao próprio MINOM, um trabalho de organização de dados idêntico ao apresentado, complementando posteriormente o já existente. Em qualquer caso, será sempre necessário e recomendável que exista a aprovação prévia e o acompanhamento e monitorização posterior do Centro de Estudos de Sociomuseologia da Universidade Lusófona, para permitir a coordenação dos trabalhos e a integração do resultado final.

#### **2.3.4- A disponibilização da base de dados para outros investigadores**

Como já foi indicado anteriormente, uma base de dados sem registos, acompanhada de um Manual de Utilizador, será entregue com esta dissertação de Mestrado e poderá ser disponibilizada a possíveis utilizadores e investigadores, interessados em realizar trabalhos de organização semelhantes ao aqui realizado.

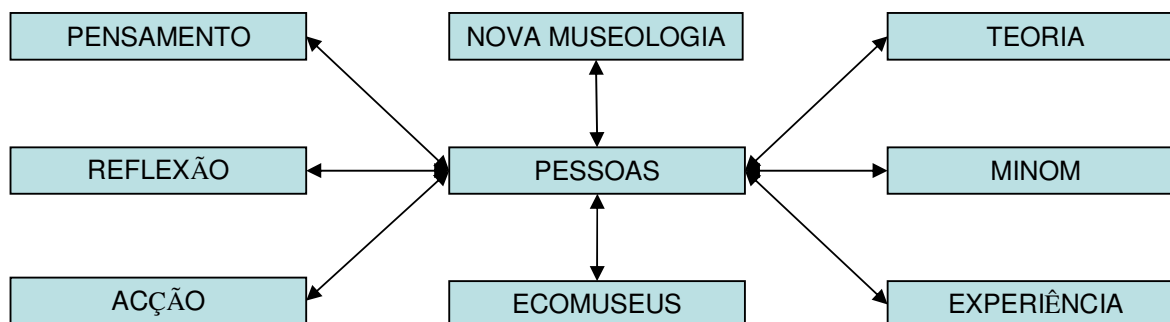


### 3 - BREVE APROXIMAÇÃO ÀS ORIGENS DO MINOM

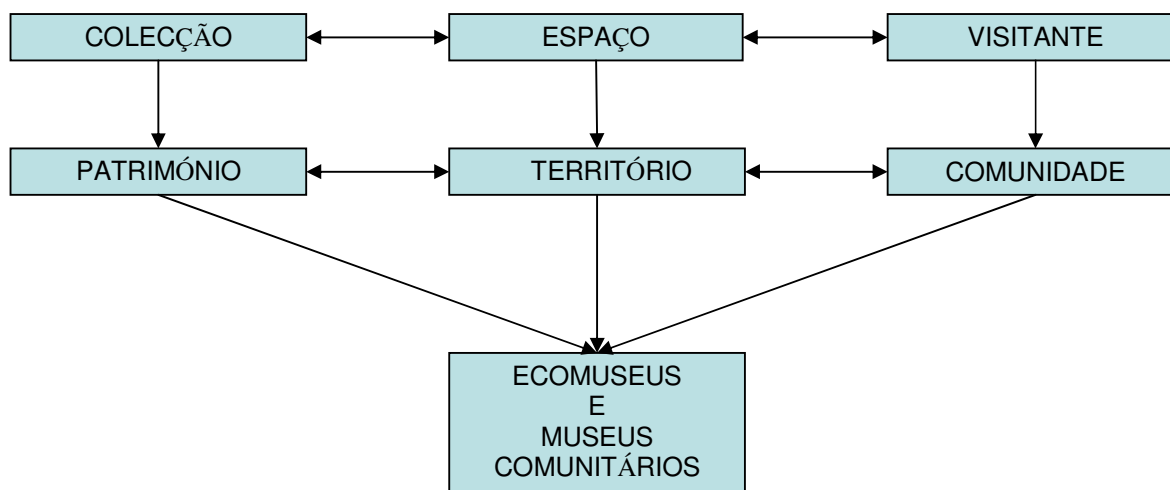
#### 3.1 - INTRODUÇÃO

Como foi indicado anteriormente, a documentação e informação actualmente disponível sobre o MINOM, a extensão da sua acção e a quantidade e qualidade de sua produção teórica, não permitem, no âmbito de uma dissertação de mestrado, desenvolver uma reflexão histórica sobre o MINOM, que acrescente valor aos trabalhos existentes sobre este tema. Uma análise exaustiva sobre o verdadeiro papel do movimento e sobre a influência da sua actividade no vasto mundo da Nova Museologia e dos Ecomuseus, exigirá a recolha e organização prévia, em diversos países, de testemunhos e documentação fundamental ainda não encontrada, bem como a obtenção de esclarecimentos por parte dos diversos actores do movimento sobre questões importantes, cuja resposta resultará fundamental para a compreensão de alguns fenómenos dentro do movimento e sua evolução posterior.

Serão necessárias ainda a leitura e compreensão da extensa bibliografia disponível sobre os três pilares da mudança para a Museologia Social que constituíram o MINOM, as diversas formas da Nova Museologia e a experiência no terreno dos Ecomuseus e Museus Comunitários por todo o mundo. De facto, Ecomuseus, Nova Museologia e MINOM, passaram a ser, a partir de certa altura, aspectos diferentes de uma mesma realidade, que representava a assunção do sentido de responsabilidade social, por parte de alguns elementos da comunidade museológica mundial. Nesta trama de relações e criação cruzadas, a Nova Museologia poderia representar o **pensamento** teórico, os Ecomuseus a **experiência** inovadora no terreno e o MINOM uma boa parte das **pessoas**, que se reconhecem como actores de ambas as iniciativas.



Do mesmo modo, do ponto de vista da Nova Museologia, será importante compreender e analisar o real enquadramento histórico da evolução, que fez mudar os conceitos de **colecção** de objectos, num **espaço** de exposição para um **visitante** espectador, para a compreensão de um bem cultural muito mais abrangente, o **património**, inserido num **território** envolvente de vivências sociais e culturais, gerido por uma **comunidade** participante e activa, na defesa, promoção e utilização desse património como mecanismo de desenvolvimento global e sustentado.



Por esse motivo, neste capítulo apresentaremos apenas uma breve aproximação ao nascimento do MINOM, que resulta, nesta fase, das informações recebidas e dos dados que reflectem os documentos consultados e seu tratamento desde 1946 até o dia 13 de Outubro de 1984, momento em que foi encerrado o I Atelier Internacional Ecomuseus/Nova Museologia. Este importante atelier foi, como veremos, o ponto de partida para o nascimento do MINOM como movimento, para a consolidação e sistematização de suas teorias e práticas museológicas e para a formalização institucional do MINOM em Lisboa, em Novembro de 1985.

Esta breve reflexão permitirá acompanhar o longo caminho que as ideias sobre a museologia social percorreram até a criação do MINOM e constatar como foram sendo realizadas as progressivas conquistas, do ponto de vista do acesso das populações à cultura e ao património, até o momento em que a Nova Museologia passou a defender o papel socio-político dos museus e o protagonismo das comunidades na acção museal.

Por uma questão de metodologia, esta abordagem apenas considerará para análise os documentos e acontecimentos registados até Outubro de 1984, que constam no Núcleo

Documental MINOM. Através da utilização do material documental mencionado, que representa apenas uma pequena percentagem da totalidade dos documentos e acontecimentos seleccionados e tratados (aproximadamente 8%) e cuja organização global constitui o verdadeiro trabalho desta dissertação de mestrado, pretendemos ainda mostrar a utilidade do sistema de interpretação e gestão de dados concebido, reportando durante a evolução do trabalho aos documentos e acontecimentos registados e disponíveis para consulta e leitura.

Inserida no trabalho global desta dissertação - concepção e apresentação do Núcleo Documental MINOM organizado em suporte informático e de papel - , esta abordagem aos antecedentes e ao nascimento do MINOM, pretende ser uma pequena porta de abertura, para uma análise posterior mais profunda a todos os níveis, que traga à luz e dignifique a importância deste movimento para a Museologia de todos os tempos e, principalmente, para o próprio futuro da Museologia, num mundo global cada vez mais normalizado e em risco de perder as identidades regionais e locais que lhe deram vida através da história.

### 3.2 - OS ANTECEDENTES HISTÓRICOS DO MINOM

Abrir as portas à história do MINOM e enquadrar as suas origens é, sobretudo, descrever a entrada, no mundo dos museus, do fenómeno revolucionário que, nos campos social, político e cultural, se desenvolveu na Europa a partir dos anos sessenta e que se estendeu por todo o mundo, durante as duas décadas seguintes.

Do ponto de vista **social e político**, o fracasso das boas intenções do mundo do pós-guerra, contidas na Declaração dos Direitos do Homem, gerou, a partir dos anos sessenta, uma profunda desilusão numa boa parte da sociedade mundial, principalmente na civilização ocidental. A divisão em dois blocos irreconciliáveis entre o Leste Europeu comunista e o Ocidente liberal, separou e prejudicou gravemente a evolução das opções políticas dos dois sistemas, provocando o empobrecimento das potencialidades sociais e culturais de ambos e paralisando pelo terror de uma nova guerra, muitas das suas iniciativas.

Hoje em dia, quarenta anos depois, possuímos a perspectiva de uma realidade mais completa sobre ambos sistemas, mas uma boa parte da intelectualidade do mundo ocidental assistia nessa época, do lado ocidental do Muro de Berlim, símbolo dessa separação, ao predomínio do fenómeno capitalista no seu sentido mais mercantilista e liberal, especialmente fora dos países do chamado primeiro mundo. Fazia, por isso, uma leitura sonhadora e esperançada das escolhas políticas que conhecia do outro lado do muro, na União Soviética, através da informação que recebia, parecendo, as vezes, não querer aceitar a verdadeira realidade existente por trás do sonho.

O desenvolvimento de um modelo intermédio entre ambos sistemas, a Social-democracia, reunindo num único sistema a liberdade de iniciativa privada e o papel regulador e social do estado contra os abusos dessa mesma iniciativa privada, foi o processo político alternativo que surgiu perante absurdo gerado, opção que tem vindo a consolidar-se desde então nas sociedades contemporâneas, como uma tentativa de resposta as contradições e injustiças que arrastam isoladas a visão capitalista por um lado e a opção comunista, por outro.

Do ponto de vista **cultural**, esta desilusão gerou, numa boa parte do mundo dos intelectuais e dos artistas, o isolamento de uma realidade envolvente que tentou ignorar, de modo mais ou menos consciente, provocando um fenómeno cultural elitista e sofisticado. No mundo da arte, da arquitectura ou da literatura foi dada prioridade, regra geral, a preocupação estética e a educação formal, gerando uma linguagem e um modelo de acção próprios, totalmente alheios aos acontecimentos sociais de intervenção ou à transmissão de cultura às populações. Do ponto de vista do pensamento, foram talvez os seguidores do movimento existencialista, aqueles que

melhor reflectiram a desilusão niilista daqueles que, não gostando da sociedade em que viviam nem estando interessados em muda-la, se isolaram num mundo à parte, com a sua própria filosofia de vida e de actuação social.

A reacção em cadeia contra este estado de conformismo e de indiferença social, que varreu o mundo intelectual a partir do grito de alerta lançado nas barricadas de Paris em 1968, teve como consequência que nenhuma actividade humana, da educação à arte, do mundo sindical às estruturas governamentais, passando pelos meios de comunicação social e pelos próprios modelos económicos, ficasse indiferente ao despertar de uma sociedade inconformada, fundamentalmente intelectual, que manifestava o seu estado de saturação perante uma situação social e política insustentável. Os diversos movimentos pacifistas, as reivindicações sindicais, Che Guevara, Martin Luther King e a sua luta pela igualdade social da raça negra, os *hippies* e tantos outros, seriam alguns exemplos do movimento que se levantou então contra a injustiça e a desigualdade existentes.

Esta tomada de consciência provocou a aparição de um novo espírito de intervenção e uma atitude de renovação junto daqueles que tinham vivido a revolução de Maio de 68 nas barricadas das suas respectivas universidades ou nos seus postos de trabalho como professores, técnicos ou profissionais da cultura. Novas ideias de criação artística, de denúncia e intervenção, de partilha cultural, de educação para todos, de envolvimento das populações no seu próprio destino e de valorização da cultura popular, conquistaram intelectuais e artistas que iniciaram, em todos os campos, um novo trabalho de democratização cultural de conteúdo eminentemente social.

Não será, por isso, possível compreender o MINOM, sem compreender o sentido de responsabilidade social que envolveu e conquistou a intelectualidade dos anos sessenta ou sem compreender o protagonismo que essa intelectualidade quis ter na melhoria das condições de vida do mundo menos favorecido, através da cultura. No mundo da Museologia, essa responsabilidade seria assumida progressivamente pelos diversos protagonistas da mudança, desde França até à Índia e do Japão até aos países latino-americanos, adoptando muito embora modelos diferentes, em função das distintas necessidades e fases da evolução social de cada país. Este fenómeno de renovação de ideias e acções afectou as anteriores concepções sobre o património e o seu âmbito, submetidas até então a opções de carácter tradicionalista ou a ideias de modernização baseadas, quase exclusivamente, em conceitos de elitismo cultural.

### 3.3 - OS ANTECEDENTES MUSEOLÓGICOS DO MINOM. 1949 - 1970

#### **3.3.1 - O papel do ICOM e da sociedade no lançamento da Museologia Social**

O aparecimento da ONU, Organização das Nações Unidas, após o fim da Segunda Guerra Mundial, como uma estrutura destinada a ser um fórum de entendimento a todos os níveis entre as nações teve, entre outras, uma importante e benéfica consequência para a cultura mundial, com a criação da UNESCO, Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura.

Criado a 16 de Novembro de 1945, este organismo tomou a seu cargo, desde a sua formação, a congregação de esforços e vontades e o desenvolvimento de iniciativas e acções de regulamentação e consolidação importantes, no que diz respeito às temáticas que são o seu objecto, através de um programa consensual a nível mundial. De entre as suas múltiplas intervenções destacam-se a elaboração e edição de Cartas, Declarações e Convenções, nas áreas sociais e culturais mais carentes e sensíveis.

Foi à sombra desta Organização que nasceu em Novembro de 1946 em Paris, França, o **ICOM, Conselho Internacional de Museus**. Desenhado como órgão consultivo da UNESCO para os assuntos do Património, foi o seu promotor e primeiro presidente Chauncey J. Hamlin. A criação de um Centro de Documentação sobre toda a temática museológica em posse da UNESCO ainda nesse ano e a assinatura de um acordo entre ambas instituições um ano depois, que estabelecia o modelo de colaboração a desenvolver, lançariam o projecto. Organizado rapidamente em comités nacionais, iniciou os seus trabalhos, promovendo, desde início e com regularidade, Encontros e Conferências, que facilitassem a análise, reflexão e tomada de decisões, nos temas fundamentais para a Museologia mundial.<sup>3</sup>

A I Conferência Geral do ICOM, realizada em Junho de 1948, criou os primeiros 12 Comités Internacionais especializados por temáticas e lançou a primeira definição mundialmente reconhecida de museu:<sup>4</sup>

*« Le mot musée inclut toutes les collections d'objets ouvertes au public, artistiques, techniques, scientifiques, historiques ou archéologiques y compris les*

---

<sup>3</sup> Cf.: Chronologie ICOM 1946 - 1998 para as iniciativas do ICOM, (Cota Doc.1999-001-03) e Documento URL. [www.icom.museum/chronologie](http://www.icom.museum/chronologie)

<sup>4</sup> A primeira definição de Museu lançada pelo ICOM, teve ao longo dos anos, sucessivas correcções e ampliações, do ponto de vista do seu âmbito, tendo tido os representantes e defensores da Museologia Social um importante papel, no sentido da democratização e abrangência de seu conteúdo. Para analisar a evolução do conceito de Museu pelo ICOM, consultar Documento URL, ICOM: [www.icom.museum/definition](http://www.icom.museum/definition) ou (Cota Doc. 2001-022-05)

*zoos et les jardins botaniques mais excluant les bibliothèques sauf si elles ont des salles d'exposition permanentes. »*

Durante os anos seguintes, as mais diversas temáticas relacionadas com os museus e os seus profissionais foram abordadas, desde a definição e recomendação de técnicas para a conservação e restauro de bens patrimoniais, até a estudos jurídicos e regulamentações, nos mais variados campos da Museologia e do Património.

Mas dentro do ICOM, primeiro sob a orientação de Georges-Henri Rivière e, mais tarde com o envolvimento activo de Hugues de Varine-Boham, também se começou a promover uma visão mais social e abrangente da cultura, através de sua crescente preocupação com a integração das culturas dos povos não ocidentais, com as questões raciais e sua relação com a etnografia e o folclore e também com o papel educativo que deveriam desempenhar os museus. Especialmente nesta área, promoveu uma intensa actividade de ligação dos museus aos sistemas educativos através, nomeadamente, de ateliers, estágios e publicações. Estas iniciativas culminariam em Setembro de 1958 com a organização, pela UNESCO, no Rio de Janeiro do “Atelier de Estudos Internacional sobre o papel educativo dos museus”.<sup>5</sup> Neste encontro foram destacados e reforçados alguns dos mais importantes aspectos que garantiriam o envolvimento futuro dos museus no campo da educação. Foi criada a figura dos **serviços educativos** e definida como prioritária a **função educativa dos museus**.

No ano de 1958, o ICOM tomou ainda uma medida de grande importância pelo seu conteúdo específico: A “Regulamentação Internacional de medidas mais eficazes para tornar os museus acessíveis a todos.” Esta iniciativa representou, segundo o próprio ICOM, o **primeiro esforço real para democratizar a cultura** e os museus, tendo sido também destacada, na altura, a necessidade do **contributo das massas populares à vida cultural**<sup>6</sup>.

O fenómeno da descolonização e o surgimento de novos países em via de desenvolvimento foi tratado, em 1962, em Neuchâtel, França, onde o ICOM realizou um “Colóquio sobre os problemas dos museus em países em vias de desenvolvimento rápido”. Como consequência deste encontro, na zona de África Tropical foi aberto o Museu Nacional de Niamey, realizado um estágio de estudos sobre o “Papel dos Museus na África Contemporânea” em Jos, Nigéria, e criada em 1961 a AMAT/MATA, Associação de Museus de Africa Tropical,

---

<sup>5</sup> Cf.: UNESCO - Brasil, Rio de Janeiro. 1958. Seminário Regional sobre a Função Educativa dos Museus. (Cota Doc.1958-001-04)

<sup>6</sup> BAGHLI, Sid Ahmed; BOYLAN, Patrick; HERREMAN, Yani - *Histoire de l'ICOM*. (1946 - 1996). ICOM, 1999.

que organizou, em 1966, um colóquio em Dakar sobre a conservação dos objectos de madeira nos museus e que teve um importante papel no futuro desenvolvimento dos museus em Africa.

Também o V Seminário Regional realizado pela UNESCO/ICOM em 1963 no México, subordinado ao tema “*El Museo como centro cultural de la comunidad*”, marcou o arranque das intervenções deste país na Museologia comunitária mundial. México desempenharia, desde então, um papel primordial no desenvolvimento das ideias e iniciativas de cariz pedagógico, comunitário e de filosofia de comunicação dos museus com as populações. O documento que resultou deste seminário<sup>7</sup>, produziu importantes recomendações, conclusões e dados relativos a conceitos que, mais tarde, seriam a base da Museologia social comunitária em todo o mundo.

A sociedade dos profissionais da arquitectura, também teve um destacado papel de intervenção na modernização de conceitos patrimoniais. Em 1964, foi realizado o “II Congresso Internacional de Arquitectos e Técnicos de Monumentos Históricos”. Na produção do documento emanado deste congresso, a **Carta de Veneza**<sup>8</sup>, foram tomadas decisões importantes que provocaram a ampliação do conceito de monumento histórico, o nascimento da expressão “**sitio**” como envolvente do espaço patrimonial ou a promoção da **utilidade social dos monumentos**.

Em 1965, nascia em Varsóvia o ICOMOS, Conselho Internacional de Monumentos e Sítios Históricos. Tendo adoptado como modelo a Carta de Veneza definia, como seu principal objectivo, promover a teoria, a metodologia e a tecnologia aplicada à conservação, protecção e defesa dos monumentos e sítios históricos.

Em 1966, Hugues de Varine, director do ICOM e a Dra Grace McCann Morley, directora do Museu Nacional de Nova Deli, organizaram com a UNESCO na Índia, o Atelier regional de estudos sobre o “Papel dos museus na comunidade”. Este atelier teve como uma das suas principais preocupações a **tomada de conhecimento pelo mundo ocidental da existência de uma Museologia Oriental, com autonomia e personalidade próprias**, no campo do Património e da Museologia mundial. Uma das melhores consequências deste encontro, foi a criação, no ano seguinte, da Agência Regional do ICOM em Ásia de Sud e Sud-Este.

Entre outras iniciativas do ICOM destacaram-se ainda, nesta época, as Reuniões Regionais na América Latina em 1967, a Reunião de Leninegrado e Moscovo sobre o papel dos Museus na educação e na acção cultural em 1968, o Colóquio sobre arquitectura dos Museus no México e a reunião dedicada aos novos públicos em Cracóvia, Polónia, com o objectivo de

---

<sup>7</sup> Cf.: UNESCO/ICOM - México, México DF. 1962. V Seminário Regional. “*El Museo como centro cultural de la comunidad*”. (Cota Doc. 1963-001-04)

<sup>8</sup> Cf.: “II Congresso Internacional de Arquitectos e Técnicos de Monumentos Históricos”. *Carta de Veneza*. (Cota Doc.1964-001-05)



definir acções para os diversos tipos de público das diversas esferas sociais. Em 1970, foram ainda fundamentais as reuniões para definir a ética de aquisições de bens culturais pelos museus e a Convenção para a interdição de importação e exportação de bens culturais ilegais.

### **3.3.2 - A experiência no terreno e a afirmação da comunidade**

O discurso abrangente que se desprendia de todos estes seminários e conferências e a reflexão teórica por eles produzida, contrastavam com a mentalidade conservadora de muitos profissionais da Museologia, também visível nas estruturas do poder político ligado à cultura. Da mesma maneira, o conteúdo generoso e democrático que se revelava na divulgação teórica, encontrava muito pouco reflexo na maioria da acção do dia a dia dos museus, dos seus técnicos e dos seus visitantes. A política museológica inovadora apoiada pelos governos, baseada numa política de criação ou renovação formal e sofisticada, apenas afectava os grandes museus de arte e cultura, concebidos para transmitir a magnificência e o poder de seus promotores. Estas iniciativas, regra geral, de grande beleza estética e complexas inovações tecnológicas, transmitiam quase sempre, no entanto, a imagem de um património distante, bem afastado das massas que o visitavam.<sup>9</sup> Uma boa parte dos responsáveis dos grandes museus do mundo, especialmente na Europa e na América do Norte envolveram-se em processos de renovação de suas estruturas adoptando, na maioria dos casos, mecanismos de comunicação ligados à riqueza da apresentação, à criação de espaços desmesurados, à concorrência pelas melhores aquisições e à luta pelos melhores e mais espectaculares edifícios. A explosão do turismo de massas acabou por condicionar também muitas das escolhas dos responsáveis dos museus, provocando a criação de exposições-espectáculo e museus comerciais, promovendo uma batalha concorrencial mais preocupada com número de visitantes recebidos do que com a captação, por estes, da mensagem que se pretendia transmitir. Por seu lado, a maioria dos museus etnográficos e de história local mantiveram o seu espírito conservador e os espaços territoriais musealizados limitaram-se, quase sempre, a ser cenários de uma realidade concebida por intelectuais, muito afastada do real discurso populacional.

Mas no campo da experiência no terreno, também algumas iniciativas museológicas anunciavam, desde fins do século XIX, diferentes vontades de envolvimento social e, sobretudo, novos modos de ler o património e o seu uso. A memória, o exemplo desenvolvido por estas

---

<sup>9</sup> Experiências de modernização e de preocupação pela organização das colecções nas exposições e nos museus, em função dos visitantes, já tinham sido realizadas durante toda a renovação arquitectónica de entre-guerras, de que são famosas, entre outras, o Pavilhão de José Luís Sert na Expo. de Paris em 1937, o Museu Kroller Muller realizado por Rietvelt entre 1937 e 1954, ou o famoso Museu Guggenheim, concebido em Nova York pelo organicista Frank Lloyd Wright com sua forma de caracol descendente, para facilitar a visita.

experiências ao longo da primeira metade do século XX e o contributo das novas ideias e reflexões produzidas nos anos de pós-guerra, dariam lugar ao nascimento das orientações e reflexões que levariam ao surgimento de uma nova forma de ver a Museologia e estariam na base do nascimento e evolução dos Ecomuseus e de outras formas de Museologia Comunitária. Constituíram, desde as primeiras tentativas, a inspiração que validaria as movimentações ideológicas renovadoras, que entretanto se desenvolveram nos museus.

Apesar do primeiro ecomuseu com esse nome, só ter aparecido em 1971 em França, o programa e o conjunto de reflexões que consolidavam esta nova forma de ver museus eram devedores de quase um século de ideias de renovação, no que diz respeito ao modo como o património histórico e local, as tradições e os costumes iam sendo promovidos. Experiências bem antigas indicavam que a mera visão estética ou de excepcionalidade artística não eram os únicos caminhos do património e que o conformismo de uma museologia intelectualizada tinha críticos e promotores de alternativas, dentro do campo dos pensadores e dos profissionais desta área, desde os finais do século XIX. Para a compreensão do fenómeno da aparição progressiva do pensamento que deu forma a Nova Museologia, encontramos, num breve mas fundamental trabalho de François Mairesse, algumas das mais importantes experiências que foram construindo no tempo o caminho dos museus comunitários.<sup>10</sup>

De entre todas elas, destacamos, do ponto de vista da escolha do objecto museológico, as experiências do advogado Edmond Groult e os seus museus cantonais em França, que já nos indicavam já uma **preocupação pelos bens patrimoniais históricos e artesanais e pelas populações trabalhadoras**, deliberadamente diferente das opções dos museus de arte das grandes cidades. O primeiro museu que mostrou este modelo foi inaugurado em Lisieux, em 1876, e teve uma enorme repercussão interna e externa. Em breve, seriam criadas instituições muito parecidas na Europa e na América do Norte.

No Reino-Unido, Patrick Geddes acrescentou, em Edimburgo, um novo conceito ao museu local, que superava a mera apresentação e guarda da memória e da tradição da vida na província: o **da integração do presente e das actividades sociais e culturais no museu**, que se transformava assim, num laboratório de estudos e reflexões sobre a realidade dessa mesma região. O “*Outlook Tower*”, inaugurado em 1892, marcou uma mudança importante no sentido da **saída do museu para o exterior de suas colecções**, iniciando uma nova forma de relações entre o museu, o seu meio envolvente e os seus utilizadores.

---

<sup>10</sup> MAIRESSE, F. - “*La belle histoire aux origines de la nouvelle Muséologie* » in DESVALLÉES, A. e outros - . *L'ecomusée. Rêve ou réalité*. Publics et Musées, nº 17, 18. Janvier-Dezembre 2000. Edition Musées de France. 2002.

Já no século XX, nos Estados Unidos, John Cotton Dana introduziu o **conceito de comunidade e de utilidade para o museu**, provocando nos anos 20 uma reviravolta fundamental na definição dos objectivos até lá aceites para um museu. **As pessoas, visitantes, profissionais ou orientadores eram o elemento primordial do museu e a colecção devia ser posta ao serviço da sociedade.** Deveria sobretudo servir para melhorar a capacidade dos trabalhadores e para promover os melhores talentos das escolas. Este modelo **utilitarista e preocupado com a missão do museu**, será um precedente para a consolidação dos museus de vizinhança em anos posteriores, neste país.

Na União Soviética, logo após a Revolução de Outubro de 1917, destacaram-se pela sua originalidade e utilidade, os museus ambulantes ou Vagões de Exposição, dedicados à educação popular e que constituíram um grande mecanismo de divulgação da nova identidade do povo soviético, cumprindo uma tripla função: **conservar a herança cultural, contribuir à educação científica e cultural dos povos e ajudar a preservar a diversidade de raças** que compunham a União Soviética. A evolução do socialismo marxista, na sua caminhada política, deturparia muitos destes conceitos, fazendo-lhes perder uma boa parte da sua intenção original. A esta tendência de utilização da Cultura através de museus e monumentos como mera exaltação do poder instituído, não seria alheio o mundo ocidental, especialmente nos regimes fascistas, com destaque para a Alemanha Nazi em que os *Heimatmuseums*, nascidos no século XIX com intenções sociais de envolvimento das populações, não escaparam ao controlo e utilização pelo poder para exaltar as ideias do Nacional-socialismo. Descobertos para a explicação das origens da museologia comunitária por Alfredo Cruz Ramírez<sup>11</sup> e, apesar de no período nacional-socialista terem sido utilizados com sentido político, eles constituiriam uma fonte de inspiração para o trabalho museológico comunitário de Georges-Henri Rivière, pelo seu valor de **afirmação da comunidade.**

Foi após a conclusão da Segunda Guerra Mundial, com o início da democratização das sociedades e o fenómeno da descolonização e a aparição de novos países, que surgiu a criação de museus claramente fundamentados em ideias de **afirmação da identidade**, de preocupação pela história de cada povo e não só dos seus espólios mais ricos ou espectaculares, promovendo o **sentido de pertença social**, na nova criação museológica. Os museus preocupados com as próprias comunidades e dedicados às classes mais desfavorecidas tiveram um importante exemplo, nos Estados Unidos, com a aparição em 1967, em Anacostia, Washington, de um

---

<sup>11</sup> CRUZ RAMIREZ, A. - *Heimatmuseum: Une histoire oubliée*. Revista MUSEUM 4. 1985

**museu de vizinhança** ou “*Neighborhood Museum*”. Dinamizado por John Kinnard,<sup>12</sup> foi organizado num bairro da cidade habitado por uma comunidade de raça negra e apresentava a vida dessas mesmas comunidades afro-americanas na região, valorizando o importante papel desta comunidade étnica na formação e consolidação do seu país.

A comunicação dos objectos museológicos com o espectador, que se desenvolvia com elevado formalismo estético nos grandes museus e centros de arquitectura de Europa e dos Estados Unidos, teve no México, nos anos sessenta, um dos mais fortes movimentos de renovação. O arquitecto Mário Vázquez, influenciado simultaneamente pela reestruturação norte-americana dos museus dos anos 50 e pela concepção social do património e dos museus de Georges-Henri Rivière, cujo trabalho no Museu do Homem em Paris conhecera, foi responsável pela renovação do *Museo Nacional de Antropologia de México* em 1964, que marcou a forma de fazer museus a partir de então, assente numa **visão nacionalista e abrangente da comunicação museológica**.

O sucesso desta iniciativa de renovação e criação, que tinha sido estendida a outros museus de México e o avançado desenvolvimento dos estudos antropológicos existentes nesta época nesse país, permitiu a criação, em 1968, da *Casa del Museo* que contou, entre outras, com a colaboração de Miriam Arroyo, membro da equipa do Museu de Antropologia da capital mexicana, num dos seus bairros mais degradados. Nele foi desenvolvido durante 8 anos um trabalho activo de **consciencialização e formação das populações** e de autêntica ajuda à sua redenção como membros abandonados do enquadramento social.

Do ponto de vista dos espaços abertos e da progressiva preocupação com a intervenção humana no ambiente envolvente, os países nórdicos tinham iniciado também, já em fins de XIX, uma forma diferente de ler estas memórias, através da organização de **museus ao ar livre**, em que reproduziam, em territórios escolhidos, as construções rurais mais características e as suas principais utilizações, para melhor exemplificar o modo de vida das suas populações. Os museus de Skansen na Suécia ou de Arnheim, nos países Baixos, inspirariam Georges-Henri Rivière e seriam considerados por Marc Maure<sup>13</sup>, como antecessores dos ecomuseus. Apesar de serem, por vezes, versões artificiais da realidade, constituíram uma primeira abordagem respeitadora da verdadeira forma de agir das comunidades, no seu dia a dia. Com uma forte tradição no espírito associativo, os estados e as comunidades destes países, revelaram-se como os primeiros a apoiar e **implicar as suas populações de modo activo na preservação da sua história e do seu património**. Exemplo característico desta actividade será a existência dos “círculos culturais e

---

<sup>12</sup> Cf.: KINARD, John. *Le musée de voisinage, catalyseur de l'évolution sociale -1985*. in Vagues I. MNES 2002. (Cota Doc. 1985-047-03)

<sup>13</sup> Cf.: MAURE, Marc, *Nation, paysan et musée*. (in Terrain) (Cota DOC. 1993-004-04)

de estudo” da Suécia<sup>14</sup>. Estes círculos, em forte actividade desde os anos 30, seriam responsáveis pela criação de espaços territoriais musealizados, que representavam e reproduziam as construções, os hábitos e actividades das suas terras e dos seus habitantes.

A Europa e o mundo ocidental seriam influenciados por este modelo, embora a expansão da ideia nunca tenha superado, na primeira fase, a apresentação de meros cenários da realidade, chegando, em algumas ocasiões, a reproduzir um país inteiro quase à escala para exemplificar a riqueza cultural de uma nação. Esse tipo de iniciativa foi inclusive, em muitos casos, aproveitada pelos estados fascistas, para garantir a exaltação de um modo de vida e de governo, que reflectia uma sociedade disciplinarmente hierarquizada e organizada, sustentada pelo retrato estereotipado de uma população feliz.<sup>15</sup>

Apesar de poderem ser encontradas, por todo o mundo, experiências e modelos de antecipação para a criatividade em colaboração com as populações, **as primeiras experiências verdadeiramente comunitárias nasceram em França** em finais dos anos sessenta; como já foi dito, o primeiro ecomuseu assim chamado apareceria em 1971 em Le Creusot e a primeira definição formal de Ecomuseu <sup>16</sup>seria realizada em 1973 por um antropólogo francês, Georges-Henry Rivière. Não foi por acaso que estes acontecimentos se deram em França. De facto, este país reunia, no momento da aparição das movimentações de carácter comunitário, as condições necessárias para a definição e implementação de uma nova filosofia museológica.

Por uma parte, será importante recordar que fora em França que o processo revolucionário de Maio de 68 se tinha iniciado e que um bom grupo de intelectuais, deverão ter pautado as suas opções de intervenção, com base no sentido mais justo e democrático da cultura e no sentido da cidadania, saídos deste acontecimento histórico.

Por outra parte, existia em França, embora enquadrado em alguns conceitos tradicionais, uma corrente de **desenvolvimento e protecção do mundo rural**, que se tornaria visível nas experiências que, em 1961, se apresentaram na exposição “*Bergers de France.*” Jean Blanc, que colaboraria activamente na organização desta exposição, seria o principal responsável pela **definição do conceito de Parque Natural**, herdeiro do espírito nórdico de preservação do território e dos museus ao ar livre, que os países escandinavos desenvolviam desde muito antes. A introdução do conceito de **território como espaço integrado de desenvolvimento humano e**

---

<sup>14</sup> Os “Círculos Culturais ou de Estudo” eram agrupamentos de cidadãos, que a partir de um número mínimo de elementos, adquiriam, para o estado, estatuto de entidade jurídica e tinham direito a apoio financeiro para suas iniciativas.

<sup>15</sup> Exemplos característicos deste tipo de iniciativa serão *El Pueblo Español* em Barcelona, Espanha ou “*O Portugal dos Pequeninos*” em Portugal, Coimbra.

<sup>16</sup> RIVIÈRE, Georges Henri e outros - *La Museologia*. AKAL/Arte e Estética. Torrejón de Ardoz 1993. J P. Gestin. Pp 209 e seguintes.

a possibilidade de sua **utilização como espaço musealizável** deve-se, em parte, ao trabalho de ligação do Homem ao seu Meio realizado por Jean Blanc,<sup>17</sup> apesar de não ser ainda visível, nesta altura, o papel da comunidade do ponto de vista da sua intervenção como protagonista.

Finalmente, não devemos esquecer que fora em França que tinha sido desenvolvida, desde o início, quase toda a actividade do ICOM, com a componente de reflexão e sensibilização para a renovação Cultural e Museológica, que indicamos anteriormente. E no ICOM, tinha sido fundamental o desempenho de duas personalidades francesas já mencionadas: Georges Henri Rivière e Hugues de Varine-Boham. Eles marcaram, com as suas escolhas e opções dentro da instituição, os rumos que permitiriam o desenvolvimento e expansão das ideias para uma nova museologia com visão social e comunitária

Em 1948, tinha tomado posse como Director do ICOM, o antropólogo Georges-Henri Rivière. Nascido em Paris em 1897, num meio artístico e cultural muito desenvolvido, foi através da Etnologia e da Arte que entrou para o mundo dos museus. O seu trabalho criativo e inovador no Museu de Etnografia do Trocadero, mais tarde Museu do Homem, na concepção do Museu Nacional das Artes e das Tradições Populares e na criação do Centro de Etnologia Francesa, reflectiram as suas preocupações com a comunicação nos museus, com a valorização do mundo rural, com o património histórico local e com uma nova filosofia de comunicação e integração das populações no mundo dos museus.

André Desvallées,<sup>18</sup> na sua introdução à publicação nº 17 de “*Publics et Musées*” destaca o seu papel no fenómeno do aparecimento dos ecomuseus, indicando que este tinha viajado à Suécia em 1929 e fora deslumbrado com os Museus ao Ar Livre que então conheceu. Para a posterior concepção de seu modelo comunitário, retiraria desta experiência, contributos essenciais, tais como a definição de um território como enquadramento museológico, a conservação e utilização *in situ* dos bens patrimoniais ou o recurso de envolvimento da população na pesquisa e realização do inventário e da memória histórica das populações; também dos *heimatmuseum*, que conheceu nesta época na Alemanha, aproveitaria a implicação dos habitantes na conservação posterior desse mesmo património. Foi com base na junção destas realidades com a sua capacidade criativa e a sua noção da importância do espírito de tradição campesina e de ligação à terra existente nas populações rurais francesas, que promoveu, entre outros muitos exemplos de intervenção no mundo rural em que se encontrava envolvido na

---

<sup>17</sup> DESVALLÉES, André e outros - *Publics et Musées. L'Ecomusée: Rêve ou réalité.* . Pp 12 e seguintes. Publics et Musées/Presses Universitaires de Lyon. 2002

<sup>18</sup> DESVALLÉES, A. e outros - . *L'ecomusée. Rêve ou réalité.* Pp 9 e seguintes. Publics et Musées, nº 17, 18. Janvier-Dezembre 2000.Edition Musées de France. 2002.

época, a realização em 1969 do **Museu ao Ar Livre em Marquèze**, nas Landes.<sup>19</sup> Em torno de uma antiga casa apalaçada de 1824, Georges-Henri Rivière reconstituiu um bairro, integrando o museu num circuito envolvente de dependências, campos e bosques, que produziria o primeiro efeito consciente de um território musealizado. Esta experiência funcionou como definição dos modelos de vida rural de França, em que as edificações tradicionais foram reconstruídas e integradas na paisagem: **preservação do património no seu lugar de origem, museu como reflexo da comunidade, população como fonte de informação para a sua própria história e implicação dessa mesma população na conservação e manutenção do seu património**. Apesar de não existir ainda o conceito socio-político de implicação activa da população, na criação ou na decisão quanto à forma e conteúdo do museu, tarefa que ele reservava para os especialistas, o seu contributo foi fundamental para a definição dos pressupostos que, mais tarde, dariam forma ao ecomuseu na sua versão definitiva.

Também no ICOM, em 1962, tinha iniciado o seu trabalho, primeiro como subdirector e, desde 1964, como director, Hugues de Varine-Boham. Durante a sua liderança, desenvolveu um importante trabalho de expansão, descentralização e democratização da Museologia nos cinco continentes, que visitou numa difícil fase do ICOM, fraco em recursos e, em alguns casos, renitente às mudanças que se exigiam no momento. Através dele, foi introduzido na temática das reflexões, seminários e colóquios, um espírito de renovação e de **abrangência mundial da Museologia**, que contrastava com o comportamento conservador em que se mantinha todo o mundo museológico francês oficial, dentro e fora do ICOM. Estes seminários e iniciativas foram o caldo de cultivo para a aparição, em França e no resto do mundo, de uma onda de preocupação museológica comunitária, liderada por personalidades que desenvolveriam as suas próprias batalhas culturais, com base nas ideias e ensinamentos que tinham debatido e ajudado a consolidar nestes encontros.

Estavam pois disponíveis as **circunstâncias político-sociais: necessidade de um novo estilo de renovação democrática e de uma cidadania mais interveniente**; existiam as **condições teóricas: um manancial de ideias e reflexões quanto às novas formas de património e aos novos modos de comunicar nos museus e de envolver as populações na definição do seu próprio destino**; e havia **espaços e territórios museológicos e projectos novos que reuniam as condições de mudança**. Quando, em 1971, é dada a Hugues de Varine a oportunidade de experimentar os novos conceitos de envolvimento de uma comunidade, na cidade de Le Creusot, todos os ingredientes para a experiência museológica comunitária do ecomuseu estavam reunidos.

---

<sup>19</sup> RIVIÈRE, Georges Henri e outros - *La Museologia*. AKAL/Arte e Estética. Torrejón de Ardoz 1993. J P. Gestin. Pp 216 e seguintes.

### 3.4 - A CONSOLIDAÇÃO DE IDEIAS E EXPERIÊNCIAS. 1970 - 1984

#### 3.4.1 - As novas teorias e práticas museológicas

O ano de 1971 teve grande importância, não só como o ano do nascimento formal dos ecomuseus, mas também como o do início da consolidação do pensamento orientado para as ideias de uma museologia renovada. Neste ano, foram publicados entre a comunidade científica e museológica, alguns dos textos mais destacados na **denúncia do excessivo espírito conservador dos profissionais dos museus** e do imobilismo geral da Museologia, face aos novos tempos e às novas necessidades culturais por um lado e na **apresentação de propostas alternativas de renovação** por outro.

Duncan Cameron, numa conferência realizada no museu da Universidade de Colorado que intitulará "*The Museum: A Temple or the Forum*",<sup>20</sup> denunciou, com exemplos reais, algumas das muitas razões que afastavam os visitantes locais das novas catedrais da cultura. Criticando no Canadá e nos Estados Unidos, a disparidade de esforços entre a excessiva inovação tecnológica e a **escassa preocupação pelo utilizador dos museus** e seus reais interesses quanto ao património, fala-nos de um novo modo de fazer museus, mais social e abrangente, apresentando a exemplaridade da experiência em curso em Washington, no bairro de Anacostia, onde a comunidade local e a identidade da raça negra americana desenvolvia o museu de vizinhança já mencionado.

Em Setembro de 1971, o ICOM realizou em Grenoble, França, a sua IX Conferência sob orientação do director Hugues de Varine, dedicada aos temas: "O museu ao serviço do Homem de hoje e amanhã" e "O papel educativo dos museus". Neste encontro, no meio do confronto entre as ideias dos reformadores de pensamento livre e as dos museólogos tradicionalistas existentes dentro da organização, estabeleceu-se um novo modelo de adesão e acesso livre individual ou associativo, bem como a democratização das votações através do sistema: "um sócio, um voto". Discutiram-se ainda e foram revistos os estatutos com fortes controvérsias mas, sobretudo, **foi redefinido o conceito de museu, afirmando a sua dimensão política e de valorização e defesa do meio ambiente.**

Os teóricos da comunidade museológica mundial que participaram neste encontro apresentaram textos reveladores, que consolidavam as reflexões críticas anteriores sobre as concepções dos museus tradicionais. Entre outros, Stanislav Adotevi, no seu texto, *Le musée, inversion de la vie* reforçou a importância dos museus, na sua interacção com os sistemas educativos, perguntando repetidamente **para que serve um museu que não é capaz de**

---

<sup>20</sup> Cf.: CAMERON, D. « *Le Musée, un temple ou un forum* »<sup>20</sup>. In Vagues 1. MNES 2002. (Cota Doc. 1971-001-03)



**transmitir o seu saber às populações.**<sup>21</sup> O texto de John Kinard, “*Intermédiaire entre musée et la communauté*”, fez uma veemente defesa da **necessidade dos museus deixarem de pertencer as elites sociais e culturais e, sobretudo, de transmitir a mentalidade das classes dominantes.** Denunciando o racismo intelectual dos museus da sociedade norte-americana, denunciou a necessidade de rever modelos e filosofias museológicas.<sup>22</sup>

«...Parfois le musée accepte la culture de ses minorités comme des curiosités muséales, mais, en même temps rejette les peuples qui ont créé ces cultures... »

«...«Aux Etats-Unis, ce problème est amplement démontré par le fait qu'en visitant les musées américains, vous ne saurez jamais que plusieurs millions de Noirs habitent ce pays et ont apporté une contribution significative à son développement... »

« ...L'énormité de ces questions pose clairement le problème de redéfinir la mission du musée face à ses obligations de servir l'humain d'aujourd'hui et de demain... »

### **A palavra ecomuseu**

É conhecida a história do nascimento da palavra Ecomuseu, criada a partir do momento em que se tornou necessário que o poder político reconhecesse publicamente a sua existência. Foi, de facto, uma palavra inventada durante um almoço realizado por Georges-Henri Rivière e Hugues de Varine com elementos do Ministério do Ambiente francês, em Maio de 1971, por ser necessária encontrar uma nova palavra que não museu, para definir o novo tipo de museu e enquadrar politicamente as suas características de museu ao ar livre e de envolvimento com a comunidade no âmbito deste ministério, sem utilizar a palavra tradicional. A nova expressão permitiu a apresentação do ecomuseu na IX Conferência Geral do ICOM, realizada em Setembro desse ano, em Grenoble. Foi esse o momento da confirmação oficial da existência dos ecomuseus, cujo modelo seria ainda apresentado em Estocolmo, na Conferência das Nações Unidas de 1972.

O forçado desta expressão e a urgência em encontrar um nome adequado às circunstâncias, poderá desvelar um pouco da eventual limitação de abrangência que mostra a

---

<sup>21</sup> Cf.: ADOTEVI, S. “*Le musée inversion de la vie (Le musée dans les systèmes éducatifs et culturels contemporains)*. Actes de la IX Conférence générale de l'ICOM, Grenoble, 1971. In VAGUES 1. MNES 2002. (Cota Doc. 1971-003-03)

<sup>22</sup> Cf. : KINARD, J. “*Intermédiaire entre musée et la communauté*”, Actes de la IX Conférence générale de l'ICOM, Grenoble, 1971. In VAGUES 1. MNES. 2002 (Cota Doc. 1971-004-03)

escolha desta palavra e da confusão que veio a criar posteriormente esta expressão, na comunidade museológica, na sociedade em geral e nos próprios utilizadores desta nova filosofia para os museus. De facto, a componente ecológica e ambiental é apenas uma das várias componentes deste tipo de museu, que acrescenta a estes conceitos o **valor territorial musealizável**, o da **comunidade autora** e actora e o do **património em sentido abrangente, tanto material como imaterial**.

### **O Ecomuseu de Le Creusot / Montceau-les-Mines**

Na experiência ecomuseológica de um grupo de localidades, metade rurais, metade industriais - a Comunidade Urbana de Le Creusot - Montceau-les-Mines - Hugues de Varine e Marcel Evrard apresentaram uma proposta para a resolução de algumas das dificuldades que as experiências comunitárias apresentavam, no que dizia respeito ao envolvimento das populações. O novo modelo garantia esse envolvimento, num labor bem mais abrangente e identitário que a de ser fonte *a priori* de informação para os inventários ou para a construção do museu, ou responsável pela guarda e manutenção *a posteriori* do património musealizado. De facto, introduziu **um novo e mais amplo sentido para o museu**, ao nascer promovido pelas próprias comunidades junto com os poderes locais, **numa acção sócio-política** que apresentava, em conjunto, uma nova visão dos tradicionais conceitos já citados de - **espaço - público - colecção** - que tinham constituído os anteriores componentes do programa museológico: um - **território** - promovido e musealizado por uma - **comunidade** - definidora e co-autora de um projecto, através de - **um património** - não necessariamente físico, que era a sua memória e a sua produção cultural. Completava o modelo, um **entendimento democrático das escolhas**, que promovia assim uma nova forma de comunicação, entre os diversos agentes da comunidade, eleitores e eleitos, como base do processo museológico.

Zona tradicionalmente de produção mineira e de laboração do metal, Le Creusot tinha tido como primeira actividade industrial, uma fábrica de cristal artístico, cuja produção tinha como destino quase exclusivo a corte da rainha Maria Antonieta, na segunda metade de XVIII. Extinta esta indústria com a revolução, as antigas instalações e outros espaços e dependências foram adquiridos pela família Schneider, que ali criaria uma indústria metalúrgica. À sombra desta actividade, os diversos patriarcas da família Schneider liderariam económica e socialmente toda a região, desde 1837 até 1960, num modelo de produção paternalista e filantrópico. A antiga residência dos trabalhadores da fábrica de Cristal, bem como os espaços envolventes e os fornos, foram transformados num palácio, que constituiu a residência da própria família Schneider.

A morte do último dirigente Schneider em 1960, provocou a alteração das estruturas organizativas da companhia que, com um novo nome, Creusot-Loire, trasladou a sua sede para Paris, mantendo em laboração, as fábricas de Le Creusot. Entretanto, por doação da companhia à cidade, o palácio e as dependências envolventes passaram a formar parte do Património da Câmara Municipal.

O pedido ao Presidente da Câmara, de Marcel Evrard, um importante artista e coleccionista de arte na região, para lhe ser cedido um espaço destinado às suas colecções, fez surgir a possibilidade de criar um museu. Por iniciativa deste, foi criada uma equipa inicial formada por ele próprio, pelo museólogo Hugues de Varine e por um homem do terreno, Jo Lyonnet. No dia 11 de Novembro de 1971 houve um primeiro encontro de trabalho e em Dezembro, uma reunião com os sindicatos e a população. A reunião permitiu perceber que o modelo apresentado não se identificava com os objectivos da comunidade, nem com os de seus representantes. Foi assim que surgiu na altura, a ideia de **envolver a própria comunidade na definição do museu** e de, **dinamizar com ela todos os valores históricos e de intervenção do território.**

Apesar das alterações económicas e de gestão operadas na companhia Schneider, a prosperidade económica da região tinha-se mantido inalterada durante estes anos. No entanto, a comunidade encontrava-se, nessa altura, numa fase de desorientação e apatia social, devido a dois factores importantes: por uma parte, tinha sido alterado o tradicional enquadramento geográfico e populacional, com a criação pelo estado de uma nova estrutura de comunidade urbana com 16 aglomerados, no âmbito do reordenamento do território; por outro lado, a população perdera as referências sócio-culturais de dependência acomodada, que tinham constituído a fase de liderança Schneider, através de uma estrutura patriarcal e protectora para com a sua “família social” desde 1837. O ecomuseu, que iniciou o seu processo de desenvolvimento a partir de Janeiro de 1972, serviu para catalizar e reconstituir a malha comunitária em novos moldes sociais, culturais e territoriais, com base nas vivências e no património histórico e industrial do território a musealizar, ao utilizar o protagonismo activo e o envolvimento das pessoas em projectos comuns de seu interesse.

Foi concebido de uma forma polinucleada, com uma sede central e vários espaços dispersos pela região, ligados às actividades económicas e industriais mais importantes: as origens mineiras, a produção cerâmica e a produção metalúrgica. Na sede, foi criado um espaço de História ligado à antiga fábrica de Cristal e à História do Palácio e da família Schneider. Foram ainda criados projectos de envolvimento para as escolas, laboratórios de investigação com

apoio popular e Centros de formação permanente, com programas e temáticas definidas pela própria população.<sup>23</sup>

Com a evolução do projecto, alguns destes núcleos afastaram-se do conjunto, como o da primeira unidade mineira. Outros não chegaram a tornar-se realidade final, tendo ainda surgido iniciativas independentes, como a da memória da actividade de Engenharia da antiga fábrica metalúrgica. Mas, principalmente **os 10 primeiros anos de experiência constituíram um fenómeno de realização social e de sucesso comunitário, que se tornariam padrão, para muitas experiências posteriores**, que nasceriam ou se transformariam, seguindo este primeiro impulso renovador.

A crise económica de Le Creusot-Loire começaria em 1984, provocando a crise social e económica da comunidade e arrastando o ecomuseu para um longo período de inactividade. A organização não soube adaptar-se aos novos tempos e modelos e o fecho das minas, em 1992, completou a desarticulação. Actualmente, Le Creusot encontra-se em fase de recuperação da sua prosperidade e mantém o seu museu polinucleado. Mas a filosofia ecomuseológica que o viu nascer, apenas existe na memória dos textos e das populações mais antigas. Novos modelos de abordagem à sociedade são desenvolvidos pelos actuais dinamizadores e conservadores do museu, com conceitos diferentes de envolvimento social, mais acordes, talvez, com os novos tempos e vontades.

### **3.4.2 - O ano de 1972 e a Mesa Redonda de Santiago de Chile**

Como a Europa, a América Latina reunia, nos anos 70, as condições necessárias para que a reflexão conjunta sobre os museus de uma série de personalidades procedentes de distintas profissões e mentalidades, mas reunidas com o objectivo de melhorar o seu papel na sociedade, desse como resultado uma declaração de princípios sobre os museus, que é hoje reconhecida como o ponto de viragem para o desenvolvimento da Nova Museologia.

Desde os anos da pós-guerra, conviviam neste continente modelos políticos e sociais tradicionalistas e de raiz colonial com inovadoras experiências políticas, educativas e religiosas, que pouco ou nada tinham a aprender da Europa. Estas últimas constituíam, de facto, uma base de análise e experiência que colocava o continente e a Mesa Redonda de Santiago de Chile numa posição privilegiada para ser a sede da confirmação da nova visão social da Museologia que se desejava.

---

<sup>23</sup> Cf. VARINE-BOHAM, Hugues de - *Un musée éclate: Le musée de l'homme et de l'industrie*. in Museum 1973. (Cota Doc. 1973-001-05)

Do ponto de vista **político**, uma série de cruéis ditaduras assolavam uma boa parte dos países do continente, ao sul dos Estados Unidos, mantidas pelo apoio mais ou menos claro deste país e pela indiferença complacente da Europa. Por esse motivo, a especial situação do Chile e a sua procura do Socialismo e da justiça social pela mão do presidente Salvador Allende, quando ainda não era visível, nem se previa, o colapso das sociedades comunistas, era acompanhado com simpatia por todas a intelectualidade ocidental, desiludida com o modelo capitalista vigente nos países do chamado mundo livre.

Do ponto de vista **educativo**, era no Brasil que se desenvolvia o movimento renovador, por esta época. Em 1958, Paulo Freire, que se transformaria numa figura de relevância mundial no mundo da educação, estivera presente no “Atelier de Estudos Internacional sobre o papel educativo dos museus” organizado no Rio de Janeiro pela UNESCO<sup>24</sup> e ainda nesse ano, apresentara as suas propostas revolucionárias sobre educação ao II Congresso Nacional de Educação de Adultos, integradas no Relatório da Comissão de Pernambuco sobre o tema: “A Educação de Adultos e as populações marginais: o problema dos Mocambos”. A publicação e expansão de suas teorias, durante os anos seguintes, defendendo uma educação livre e motivadora, tanto para jovens como para adultos, influenciariam toda a visão educativa e social posterior, primeiro no seu país e mais tarde na Europa e no resto do mundo. O **método de educação popular**, que leva o seu nome, foi seguido e comentado de modo exaustivo em todos os centros de inovação educacional. Possuidor de um pensamento político-pedagógico de sentido libertador, coloca o **intercâmbio de saberes entre o aprendiz e o educador, ao nível da partilha de conhecimentos em regime de igualdade**, rompendo assim as tradicionais barreiras da comunicação vertical da sabedoria, aceite e institucionalizada. Convidado, ou envolvido directamente, esteve presente em quase todos os momentos de mudança que marcaram a renovação educativa nas iniciativas pedagógicas de todos os museus. O seu papel e o seu modelo foram as bases de muita da comunicação entre os agentes culturais, promovida nos museus comunitários, na Nova Museologia e no próprio MINOM.<sup>25</sup>

Do ponto de vista **religioso**, apesar das posições críticas na Europa e na América de diversos grupos de escritores cristãos face à Igreja Católica, pelo seu conservadorismo e indiferença perante as desigualdades sociais, entre os que se encontravam alguns dos literatos mais destacados do século XX como Bernanos, Chesterton ou Morris West, foi na América Latina que nasceu, pela mão de um sacerdote peruano, Gustavo Gutiérrez, uma nova visão social de Deus e da compreensão do mundo através da Teologia, que podemos encontrar na sua obra

---

<sup>24</sup> Cf. VARINE-BOHAM, Hugues de - *Un musée éclate: Le musée de l'homme et de l'industrie*. in Museum 1973. (Cota Doc. 1973-001-05)

<sup>25</sup> FREIRE, Paulo - *La educación como práctica de libertad*. Siglo XXI Editores. Madrid 1980.

Teologia **da libertação – Perspectivas**<sup>26</sup>. Quando, em 1968, Gustavo Gutiérrez iniciou as suas conferências sobre o tema em Chimbote, poucos imaginavam a extensão e o poder de mudança que o pensamento e a obra posterior deste teólogo dos pobres iria ter no futuro do movimento de libertação dos povos oprimidos.

De facto, durante séculos, a teologia cristã tinha assumido um papel absentista em relação à injustiça social, limitando-se a deslocar a resolução do problema para a outra vida. Só em algumas ocasiões na história, vozes de protesto se tinham levantado dentro da própria Igreja, para defender os oprimidos, tendo sido uma das mais fortes, também na América Latina, a de Frei Bartolomé de las Casas, que defendeu no século XVI<sup>27</sup> os índios originários de América, desumanamente explorados pelas sociedades coloniais. Regra geral, o desempenho da Igreja chegou a ser, como nos diz Juan José Tamayo, “muro de contenção das revoluções sociais e políticas”.<sup>28</sup> Na obra escrita sobre o tema, este filósofo e catedrático de Teologia, afirma:

...”A teologia latino-americana da libertação veio quebrar essa imagem, colocando o cristianismo na vanguarda dos movimentos sociais, que lutam pela transformação da sociedade de todas as opressões, inclusive, a religiosa...”

...”Gutiérrez realiza uma verdadeira revolução na teologia, cujo primeiro acto é o compromisso com os oprimidos e a experiência religiosa do Deus dos pobres, sendo o segundo acto a reflexão, não, porém, do ponto de vista da neutralidade social e da asepsia doutrinal, mas da própria reversão da história e da opção ético-evangélica pelos pobres. O teólogo peruano reconhece neles uma força histórica capaz de mudar o curso da história em direcção à libertação. A teologia da libertação evoca, directamente, o compromisso dos cristãos nos movimentos de libertação. ...”

Promovida pelo ICOM e a UNESCO em Maio de 1972, A Mesa Redonda de Santiago de Chile<sup>29</sup>, rodeada por toda esta envolvente encorajadora, foi uma pedrada no charco da Museologia mundial, tendo ainda sido **a primeira reunião promovida pelo ICOM-UNESCO**

---

<sup>26</sup> GUTIERREZ, Gustavo, **Teologia da libertação. Perspectivas**, Vozes, Petrópolis 1985

<sup>27</sup> LAS CASAS, Frei Bartolomé de - *Brevísima relación de la destrucción de las Indias*. introducción y notas de Manuel Ballesteros Gaibrois . - Madrid : Fundación Universitaria Española , 1977. Impresso pela primeira vez em 1552, reúne uma das primeiras defesas dos povos índios e da promoção de um sistema colonialista humano e sem escravos.

<sup>28</sup> TAMAYO, J. J. “*O teólogo do Deus Libertador*. Consulta Net [www.adital.com.br/site/noticia](http://www.adital.com.br/site/noticia) Juan José Tamayo é director da Cátedra de Teologia e Ciências das Religiões "Ignacio Ellacuría", da Universidade Carlos III de Madrid, em Espanha.

<sup>29</sup> Cf.: ICOM . Mesa Redonda de Santiago de Chile. (Acont. ID 23)

**com carácter verdadeiramente regional e autóctone**, no sentido da utilização da própria língua (não inglês ou francês) e **com a sua própria criatividade e liberdade de discussão** para os problemas daquela vasta região. Com um **inovador sentido da interdisciplinaridade**, para além dos profissionais da área, foram convidados especialistas de outras disciplinas que não historiadores ou museólogos. Esta emblemática reunião permitiu descobrir o isolamento, ora de auto-complacência ora de auto-comiseração, em que os responsáveis dos museus viviam no mundo em geral e também na América Latina.

Em Santiago de Chile, um bom número de museólogos aperceberam-se, pela mão do promotor do Seminário e director na altura do ICOM, Hugues de Varine-Boham e sob a liderança de Jorge Enrique Hardoy, director do *Instituto Torcuato di Tella* em Buenos Aires, de que nada sabiam sobre os públicos que os visitavam e seus gostos ou preferências e, principalmente, nada sabiam sobre os habitantes e as populações das cidades, cujo património conservavam, muitas vezes com sacrifício, dedicação e fracos recursos nos respectivos museus.

Para a grande maioria dos conservadores dos museus, nada tinha mudado desde décadas até esse momento, relativamente ao modo como deveria ser entendido o universo do mundo museológico que geriam. Apesar da renovação na organização dos espaços museológicos, individualizando o objecto museal e reflectindo quanto à forma dos edifícios em função dos visitantes que, desde os inícios do século XX, arquitectos da Europa e da América do Norte tinham iniciado, os responsáveis dos museus continuavam a cuidar das “suas” **coleções** de acordo com as regras que tinham aprendido nas “suas” respectivas universidades e recebiam o “seu” **público**, muitas vezes com displicência ou receio, por constituírem o fenómeno mais difícil de controlar nas suas regradas organizações, num **espaço** mais ou menos nobre e mais ou menos limpo e bem conservado, em função dos orçamentos, magros ou avultados, que os respectivos estados ou patronos distribuíam.

A Mesa Redonda escolheu como tema a “Importância e desenvolvimento dos museus no mundo contemporâneo” e após debates e discussões foi produzido um documento: A **Declaração de Santiago de Chile**,<sup>30</sup> que se transformaria num *ex-libris* do pensamento museológico renovador e provocaria o arranque de um novo movimento, cuja consolidação formal se daria, 13 anos depois, em Portugal.

Entre algumas das mais importantes resoluções, contam-se:

- Confirmação da função social dos museus, como agente de desenvolvimento.
- Reconhecimento do museu como instrumento de mudança social.
- Criação do conceito de “museu integral” com inter-disciplinaridade na acção.

---

<sup>30</sup> Cf.: ICOM. Mesa Redonda de Santiago de Chile. *Declaração de Santiago de Chile* (Cota Doc. 1972-003-03)

- Definição do museólogo como ser político-social.
- Aceitação pelo ICOM do conceito “Ecomuseu” como museu-território ligado à Comunidade através do património.
- Criação da ALAM, Associação Latino Americana de Museologia.

No ano de 1972, ocorreriam ainda duas iniciativas importantes ligadas à Museologia e ao património. A primeira foi a realização em Setembro do Colóquio Internacional sobre “Museu e Meio Ambiente Social”, em várias cidades de França, entre elas Marqueze, centro da experiência comunitária de Georges-Henri Rivière, que reforçaria na Europa os conceitos definidos no Chile:

- Redefinição do Museu como instrumento de clara função social;
- Redefinição e reforço socio-político do conceito de Ecomuseu;
- Comunidades protagonistas do seu meio envolvente e do seu desenvolvimento;
- Comunidades criadoras e actoras do museu;
- Museu como objecto e sujeito da patrimonialização.

Também a Conferência Geral para a Educação, a Ciência e a Cultura<sup>31</sup>, realizada pela ONU/UNESCO em Paris, durante o mês de Novembro do mesmo ano, tomaria a nível oficial importantes medidas relativamente à diferenciação entre Património Cultural e Natural. Seriam ainda definidas as responsabilidades dos Estados para com o Património:

- Obrigatoriedade do uso do Património como factor de desenvolvimento na tarefa educativa;
- Prioridade da conservação preventiva, face à correctiva;
- Necessidade das populações serem associadas à protecção do Património.

### **3.4.3 - A evolução e a consolidação das novas ideias em Europa**

Durante os anos seguintes, o pensamento ligado ao desenvolvimento de uma nova museologia de carácter social, tanto do ponto de vista das instituições como da sociedade civil e da comunidade científica museológica, cresceu rapidamente por toda a Europa.

Em 1973, a UNESCO publicou no seu volume XXV, nº 4 o texto de Hugues de Varine anteriormente mencionado sobre o Ecomuseu de Le Creusot, « *Un musée éclate: Le musée de l'homme et de l'industrie* », que imediatamente inspiraria novas iniciativas por toda a comunidade museológica mundial. Também em 1973, Georges-Henri Rivière faria a primeira

---

<sup>31</sup> CF.: ONU/UNESCO. Conferência Geral para a Educação, a Ciência e a Cultura: *Recomendação respeitante à protecção, no plano nacional, do património cultural e natural*. (Cota Doc.1972-006-03)



definição formal de Ecomuseu, que reunia minuciosamente os dados que compunham o novo modelo:

*Un écomusée, c'est essentiellement, en l'état actuel de la notion, un musée de l'homme et de la nature, un musée écologique ressortissant à un territoire donné, sur lequel vit une population à la conception et à l'évolution permanente duquel cette population participe, laboratoire permanent de terrain, instrument d'information et de prise de conscience pour cette population. Musée du temps : expression par périodes, sous la forme d'un musée couvert, de la dimension temporelle de ce territoire et, le moment venu, des populations qui s'y sont succédées, jusqu'à la population présente et aux perspectives de son avenir. Musée de l'espace : expression éclatée de la dimension spatiale d ce territoire et de cette population, sous de formes respectivement : ponctuelles ouvertures et couvertes : éléments particularisés, tels que sites et échantillons naturels, ou que sites et monuments archéologiques et historiques, musées et autres établissements humains, linéaires ouvertes: cheminements d'observation globale ou spécialisée de l'environnement, liant entre eux ces éléments, gère à des conditions variables, selon qu'il s'agit d'écomusées ressortissant à des parcs nationaux ou régionaux, ou à d'autres collectivités publiques. »*

Esta definição obedecia já ao modelo de Hugues de Varine, em implementação em Le Creusot, que tinha acrescentado a **intervenção sócio-política** às tarefas dos ecomuseus, colocando-os no campo da Museologia revolucionária e **projectando na Museologia Local os anseios de justiça social e de não dependência subsidiária dos poderes centrais e de seus modelos culturais.**

A queda do dólar em 1973 e a crise económica internacional, que também afectou a Europa e a França, tornaram grave a crise financeira que se vinha desenvolvendo dentro do ICOM desde 1968 por insuficiência de recursos. Esta crise tinha sido principalmente provocada pela expansão da acção desta instituição a nível mundial e pelos seus compromissos com os novos países, habitualmente pobres e com dificuldade em regularizar as suas quotas. A instituição viu-se obrigada a recorrer ao apoio mecenático das fundações americanas e a simplificar a estrutura de pessoal nos seus cargos superiores, entre eles o de director da instituição, para equilibrar o orçamento.

A saída de Hugues de Varine da Direcção do ICOM em 1974, sendo substituído por Luís Monreal, levaria esta instituição a uma posição mais moderada nas suas escolhas museológicas, iniciando o retorno a uma filosofia de actuação mais técnica e institucional. Durante a X Conferência Geral sobre o Museu e o Mundo moderno, realizada em 1974 na Dinamarca, em que as posições conservadoras e inovadoras se enfrentaram duramente, os Estatutos foram revistos<sup>32</sup>, introduzindo novas regras relativas à adesão, que permitiriam um aumento importante no número de membros, ao mesmo tempo que era lançada a sistematização de doutrinas museológicas e de defesa do Património e se dava início a um importante programa de recuperação financeira. A nova definição de museu acrescentava importantes conceitos, do ponto de vista do ambiente, da importância do homem sobre as colecções e do dever do museu colocar-se ao serviço da sociedade.

*Le musée est une institution permanente, sans but lucratif, au service de la société et de son développement, ouverte au public, et qui fait des recherches concernant les témoins matériels de l'homme et de son environnement, acquiert ceux-là, les conserve, les communique et notamment les expose à d'études, d'éducation et de délectation.*

Em Maio de 1975, na 4ª Assembleia-geral do ICOMOS, produziu-se um importante documento, conhecido como a Resolução de Bruges, cujo conteúdo trata da conservação das pequenas cidades históricas e da importância da ligação entre estes espaços e sua história envolvente.<sup>33</sup>

Em Outubro do mesmo ano foi publicada pelo Conselho de Europa a Carta Europeia do Património Arquitectónico<sup>34</sup> em que seria formalmente **ampliado o conceito de monumento aos conjuntos históricos, sítios e aldeias em ambiente natural e construído e recomendada a conservação integrada do conjunto histórico**. Algumas das afirmações deste importante documento, que será conhecido como Manifesto de Amesterdão, serão fundamentais para a subserviência das antigas cidades históricas.

---

<sup>32</sup> Cf.: ICOM. *Statuts Adoptés lors de la 11 Assemblée Générale*. Copenhague, 12 juin 1994. (Cota Doc. 1974-001-04)

<sup>33</sup> Cf.: ICOMOS, *General Assembly. Resolutions of the International Symposium on the conservation of small historic towns*. (Cota Doc 1975-002-03)

<sup>34</sup> Cf.: Conselho de Europa. Carta Europeia do Património Arquitectónico. Manifesto de Amesterdão. (Cota Doc.1975-001-03)

*“ O património arquitectónico europeu é formado, não só pelos nossos monumentos mais importantes, mas também pelos conjuntos de construções das nossas cidades antigas e aldeias tradicionais nas suas envolventes naturais ou construídas pelo homem.”*

Ainda em 1975, o ICOM em colaboração com *La Diputación Provincial de Barcelona*, organizou em Espanha um *Seminário de Formación para personal técnico de museos*,<sup>35</sup> orientado por Georges-Henry Rivière, que contribuiu para a expansão em Espanha das ideias que sustentariam a Nova Museologia. Do extenso programa constavam temáticas como a História dos Museus, os novos materiais museográficos e os diversos tipos de património e de museus e suas características, incluindo os ecomuseus. No texto que foi distribuído, lemos na página 18 do documento 11:

*...”Un nouveau type de musée, l'écomusée*

*De nature essentiellement interdisciplinaire, les écomusées ont pour condition caractéristique majeur :*

*1 - L'existence d'une communauté implantée sur leur territoire, qu'ils reflètent simultanément dans toutes leurs dimensions : patrimoine naturel et culturel, développement social, économique et culturel »*

*2 - La présentation active de cette communauté et de ses élus à l'organisation et aux fonctionnement de l'écomusée*

*3 - L'existence de deux musées coordonnés :*

*a) un musée du temps, couvert (sous toit), comportant une histoire naturelle et humaine du territoire de l'écomusée, des temps géologiques à la futurologie*

*b) un musée de l'espace, comportant :*

*1 - un ensemble de terrains continus ou discontinus, constituant autant d'unités écologiques représentatives de l'environnement.*

*2 - un ensemble de monuments d'intérêt culturel conservés sur place ou transférés, implantés sur ces terrains*

---

<sup>35</sup> Cf.: ICOM - *Formación para personal Técnico de museos. Barcelona*, (Cota Doc. 1975-003-03)

*Des écomusées sont en cours de réalisation en France, dans le cadre de la communauté urbaine Le Creusot-Montceau-les Mines, et de quelques parcs naturels. »...*

Por toda a Europa, o ritmo das publicações sobre o tema<sup>36</sup> mostrava o continente como um centro de reflexão e revisão permanente de conceitos. Realizavam-se ainda visitas regulares de museólogos e entidades interessadas aos novos centros de produção das iniciativas ecomuseológicas. Entre as muitas que surgiram nesta fase, poderemos destacar, pelo seu interesse, o projecto de Étienne Bernard na Bélgica, desenvolvido em simultâneo em três regiões diferentes, uma rural, uma de bairro e uma industrial em declínio, que se afirmaria peremptoriamente como **um museu sem objectos e sem espólio** em que as exposições se organizavam com empréstimos.

#### **3.4.4 - A expansão mundial das novas ideias**

Os anos seguintes foram os da expansão do pensamento museológico comunitário e dos ecomuseus, por diferentes lugares do mundo. No continente africano, a AMTA/MATA continuara a tarefa de organização museológica nos novos países que nasciam. Com a colaboração da UNESCO/ ICOM, foi organizado em Nairobi, em 1976, a XIX Sessão da Conferência Geral e patrocinaram a criação de um Centro Internacional de Documentação, coordenado em colaboração com o ICOMOS. Neste encontro foi editada a Recomendação para a Salvaguarda dos Conjuntos Históricos e sua Função na Vida Contemporânea,<sup>37</sup> com algumas definições que reafirmam a vontade de integrar a envolvente social, cultural e física na salvaguarda de um património.

*“Entende-se por salvaguarda, a identificação, a protecção, a conservação, o restauro, a reabilitação, a manutenção e a revitalização dos conjuntos históricos ou tradicionais [...] e do seu tecido social, económico ou cultural.”*

Em Outubro de 1980, o ICOM celebrou no México a sua XII Conferência Geral sobre “Museus e sua responsabilidade na guarda do Património Mundial” em que foram desenvolvidos temas como o Museu ao serviço da comunidade e do seu património, **a independência da**

---

<sup>36</sup> Alguns dos mais importantes documentos desta época, encontram-se recolhidos na antologia “*Vagues*”, em dois volumes, que o MNES, (*Museologie Nouvelle et Experimentation Sociale*) editou orientado por André Desvallées em 1992.

<sup>37</sup> Para leitura e análise deste documento consultar: [www.pdturismo.ufsj.edu.br/legislacao/cartas](http://www.pdturismo.ufsj.edu.br/legislacao/cartas)

**profissão museal contra as pressões exteriores** e a preocupação pelas colecções contemporâneas e o património natural.

Durante a realização em 1981 do II Seminário Latino-Americano sobre Investigação Participativa também no México, foi apresentado um texto considerado fundamental, no campo da partilha entre as populações e os técnicos de museus. Neste texto sobre a teoria e a prática da Investigação participativa, Budd L. Hall<sup>38</sup> explicitava as vantagens de sua utilização para a captação de conhecimentos e informações e para acentuar o aspecto educativo da pesquisa social. Muito desenvolvida nos diversos âmbitos da investigação sobre o património desde a sua descoberta, esta ferramenta constituiria um excelente mecanismo de envolvimento das comunidades na Museologia Comunitária.

Em 1978, Hugues de Varine, que continuava a sua experiência em França onde entretanto mais ecomuseus tinham aparecido (Boussada, Mont Lozère, Camargue), publicou no Canadá um extenso artigo em “*La Gazette*”<sup>39</sup>, revista trimestral editada pela associação de museus canadianos. Nele descrevia pormenorizadamente o sistema de organização e funcionamento e sobretudo, a missão catalizadora de desenvolvimento para as comunidades de pequena e média dimensão do ecomuseu de *Le Creusot*, que entretanto se tinha transformado num ponto de peregrinação e de encontro para especialistas, técnicos e jovens museólogos que queriam conhecer a nova experiência em curso.

A difusão deste artigo no Canadá reforçou o desenvolvimento da museológica comunitária neste país, onde já se fazia sentir a vontade de afirmação nacionalista e identitária de algumas de suas etnias menos favorecidas, apoiadas por organizações e iniciativas como o movimento católico *Operacion Dignidad* ou os chamados *Organismos de Gestión Común*, que substituiriam a primeira em 1972, na sua luta pela sobrevivência das regiões ameaçadas.<sup>40</sup> O sentido territorial e socio-político que se desprendia das opções ecomuseológicas do projecto apresentado por Hugues de Varine, foi visto na altura como um elemento de grande utilidade para os anseios de independência e afirmação do estado do Quebec.

---

<sup>38</sup> HALL, B. - Investigación Participativa, Conocimiento Popular y Poder : Una reflexión personal. Revista “Convergencia”. Vol XIV. México 1981. (Cota Doc.1981-001-04)

<sup>39</sup> VARINE, H. - *L'ecomusée. La Gazette*”<sup>39</sup> Revue trimestrielle de l'Association des musées canadiens. (Cota Doc 1978-001-03)

<sup>40</sup> Para consulta sobre a evolução da política identitária em Canadá - Quebec, consultar o site da Revista Mexicana de Estudos Canadenses: <http://revista.amec.com.mx>

### **O Ecomuseu de Haute Beauce**

No livro dedicado ao projecto ecomuseológico de Haute-Beauce<sup>41</sup>, Pierre Mayrand, seu criador com a colaboração de Maude Céré, afirma:

*...”La découverte en 1979 de l’article de Hugues de Varine (L’Ecomusée) paru au Canada, ne fit que me confirmer dans mes options à moyen et à long terme de la nécessité d’une profonde réforme à entreprendre au niveau de la Muséologie, telle que héritée de Georges Henry Rivière.*

*...Un délégation de citoyens, les “ Dix”, sollicitèrent une rencontre en 1979 ... »*

Pierre Mayrand tinha-se formado em História da Arte e trabalhava como professor e investigador em património e Museologia em Uqàm desde 1969. Preocupado com a Museografia urbana, trabalhara em projectos de reconstituição de conjuntos monumentais no Quebec. Após conhecer o projecto de Le Creusot e analisar em pormenor o modelo ecomuseológico, assumiu como próprias estas teorias e desenvolveu-as na criação, em 1979, do museu de Haute Beauce.

Este ecomuseu teve a sua origem, como Le Creusot, devido à existência do valioso espólio de um coleccionista da região, Napoleão Bolduc. Esta colecção etnográfica, que se encontrava exposta ao público, possuía uma enorme quantidade de objectos ligados à tradição e aos costumes locais. Quando o proprietário decidiu vender a colecção, a população uniu-se para evitar a dispersão e perda daquele património insubstituível. Com a orientação de Pierre Mayrand, foi iniciado um processo de organização dos trabalhos, dando prioridade à criação de um Centro de Interpretação Regional, cuja primeira missão foi garantir uma subscrição para a aquisição do espólio Bolduc. Esse envolvimento activo na defesa dos bens da comunidade provocou o reforço do orgulho e da afirmação da identidade local. O museu nasceria assim, pouco a pouco, num modelo de aprendizagem, criação e sensibilização permanente da população à volta do próprio património e do território que o rodeava.

O projecto avançou, a partir desses primeiros passos, num formato básico de ecomuseu, mas como todos os ecomuseus, definindo as suas próprias especificidades, baseadas num profundo sentido de autonomia e afirmação étnica, não isenta de reivindicação sociopolítica. Como outros já nascidos e que nasceriam em diferentes países e regiões, tinham em comum a diversidade e liberdade de opções, dentro de uma filosofia comum libertadora, um território

---

<sup>41</sup> MAYRAND, P. - Cadernos de Sociomuseologia 22 - Haute Beauce. *Psychologie d’un ecomusée précis*. ULHT-CESM - 2004

partilhado, uma vontade de acção comunitária e um património de leituras específicas e de interpretação particularizada.

A revista “*Rencontre*”,<sup>42</sup> orientada por Eric Gourdeau, foi uma das publicações mais importantes na recolha e divulgação dos trabalhos executados com as comunidades ameríndias e de Inuit, protagonistas essenciais da museologia comunitária do Quebec. No número 4, Volume II de 1981, encontramos a descrição de uma enorme variedade de pequenos museus pertencentes as diversas comunidades, nos quais é destacada a actividade de preservação e produção de artesanato e a realização de cursos de formação para manutenção de conhecimentos e técnicas ancestrais.

O Canadá constituiu-se, a partir desta altura, como um dos mais importantes protagonistas no desenvolvimento das ideias e das práticas que culminariam no nascimento do MINOM. Em 1982, duas cartas dirigidas a Pierre Mayrand desde o ICOM<sup>43</sup>, pela presidente canadiana Marie Coutourier e pelo Secretário-geral da Organização, Luís Monreal, informam-nos do apoio que esta instituição pretende dar a um Colóquio em preparação no Quebec, que acumulava esforços e iniciativas para a sua realização em 1984. Seria este o Colóquio que veria nascer a primeira ideia formal de um movimento para a Nova Museologia.

### **3.4.5 - O ano de 1983 e os acontecimentos anteriores ao nascimento do MINOM**

No início de 1983, nascia em França, um dos movimentos que mais dinamizaria, especialmente nos seus primeiros tempos, a doutrina da Nova Museologia e que teve um impacto e uma capacidade de actuação inicial tão forte, quanto curto foi o seu desempenho do ponto de vista temporal. Embora actuante desde algum tempo antes, o M.N.E.S. - *Muséologie Nouvelle et Expérimentation Sociale*, formalizaria a sua existência durante o I Estágio sobre a Nova Museologia, realizado em Grenoble, em Novembro desse ano, com o objectivo renovar a imagem e as práticas da instituição museal.

Entre os responsáveis do primeiro Boletim, o número 0,<sup>44</sup> encontravam-se Hugues de Varine, Evelyne Lehalle, André Desvallées, Jean Claude Duclos e Marie Odile de Bary que seria a alma deste movimento. A publicação, lançada em Junho, definia como objectivos realizar publicações regulares sobre as experiências de renovação museológica em curso, dar a conhecer a filosofia da Nova Museologia e partilhar com colegas estrangeiros a aprendizagem realizada.

Em Maio de 1983, realizou-se em Montreal, Canadá, uma “Jornada de Estudos sobre os ecomuseus”. Lançado pelo Grupo de pesquisa de Património em colaboração com os Ecomuseus

---

<sup>42</sup> Cf.: “*Rencontre*”. Vol. 2 n° 4. *Musées autochtones en pleine expansion*. (Cota Doc. 1981-002-04)

<sup>43</sup> Cf.: Correspondência sobre o tema. (Cotas Doc. 1982-001-04 e 1982-002-04)

<sup>44</sup> Cf.: *MNES INFO* - N° 0. França, Marselha, Novembro 1984 (Cota Doc.1983-003-03)

de Quebec, organizou um importante programa, com a presença e intervenção de figuras notáveis da Nova Museologia nacional como Pierre Mayrand e Maude Ceré e de importantes convidados estrangeiros, como Hugues de Varine e Marcel Evrard. Teve como objectivo fazer uma discussão teórica sobre os Ecomuseus e realizar um balanço do caminho percorrido.<sup>45</sup>

Publicações sobre a evolução e conquistas das experiências realizadas em França e Canadá apareceram também em Junho e Agosto desse ano no “*Bulletin*” da Região de Quebec, mostrando uma energia invulgar e entusiasta quanto aos resultados obtidos.<sup>46</sup>

No México, a equipa de antropólogos que lançara os projectos museológicos de 1964 e que tinha continuado a realizar importantes trabalhos comunitários nos primeiros museus experimentais de escola e de comunidade, desenvolveu, desde o *Instituto Nacional de Antropologia e Historia, INAH* e através do *Programa para el Desarrollo de la Función Educativa de los Museos, PRODEFEN*, criado em 1983, um processo sustentado de criação de museus comunitários no seu país. Englobando historiadores, psicólogos, pedagogos e jovens profissionais da museologia nos projectos e reforçando o sentido de valorização das culturas autóctones e indígenas, este programa foi a base da criação no México de um dos centros de produção e desenvolvimento de museologia comunitária mais importante do mundo, que se destacaria também pelo seu papel no campo da Investigação Participativa<sup>47</sup>. Neste grupo iniciaria os seus trabalhos o antropólogo Raul Mendes Lugo, que lideraria com Miriam Arroyo durante os anos seguintes, o lançamento e consolidação do MINOM e da Museologia Comunitária no México e no mundo. Após a realização da Mesa de Santiago de Chile, a “Casa do Museu” tinha reforçado o seu dinamismo e ganho novo fôlego, constituindo um projecto experimental de grande originalidade que, mais tarde, se reproduziria em várias colónias populares de México. Apesar da interrupção posterior do projecto, constituiu, do ponto de vista metodológico, um momento importante de experimentação e envolvimento social, com excelentes resultados do ponto de vista humano e social.

Mas a ruptura previsível dentro das instituições que oficialmente comandavam os destinos da Museologia e a necessidade inadiável de definir e formalizar as novas escolhas museológicas acabaria por surgir em Julho de 1983, durante a realização da XIII Conferência Geral do ICOM, em Londres, Inglaterra,<sup>48</sup> dedicado ao tema “Museus para um mundo em

---

<sup>45</sup> Cf.: Journées d'étude sur les écomusées. (Cota Doc.1983.002.04)

<sup>46</sup> Cf.: *Bulletin 7 - Region du Quebec*. Le Nouveau Musée amerindien de Pointe-Bleue. (Cotas Doc. 1983-003-03 e 1983-004-03)

<sup>47</sup> Cf.: BARQUERA, Humberto - *Uma revisão sintética de Investigação Participativa*. in Revista "Cuadernos del CEA" (Cota Doc. 1983-007-04)

<sup>48</sup> Cf.: ICOM - XIII Conferência Geral. Reino Unido, Londres, Julho de 1983.



desenvolvimento”. Uma parte dos membros da organização, com o apoio de um núcleo local simpaticamente de ideias renovadoras quanto à Museologia, analisou criticamente o imobilismo dos organismos museológicos tradicionais e questionou a inexistência e falta de participação de organizações associativas e das minorias, nos centros de decisão cultural. O não entendimento, dentro de Comité Internacional de Museologia (ICOFOM) entre as posições moderadas e as renovadoras, deu origem a uma proposta da Associação *Muséologie Nouvelle / Expérimentation* para a organização de um grupo de trabalho sobre os ecomuseus, que foi rejeitada por um voto.

O grupo de dissidentes surgido deste encontro, ao qual se foram juntando museólogos e profissionais ligados aos museus de diversas partes do mundo, concentrou os seus esforços na organização do Colóquio previsto para Canadá, que se realizaria em Outubro de 1984 e que seria o ponto de partida do lançamento definitivo do MINOM e da Nova Museologia como doutrina museológica.

#### **3.4.6 - Os últimos preparativos para o nascimento do MINOM**

Existem documentos e correspondência relativa aos convites de participação no ainda chamado Colóquio, que começaram a ser enviados por Pierre Myrand no início de 1984 para toda a comunidade museológica.<sup>49</sup> As listas nomeavam entre os convidados personalidades de todo o mundo, entre outros: de França, Hugues de Varine e Marcel Evrard; de Itália, Carlo Poni; de África, Alpha Konaré; de Espanha, Eduardo Porta ou “um representante do ministério da Cultura de Cataluña”; de Brasil, Fernanda Camargo; de México, Myriam Arroyo, Mário Vazquez e Félix Lacouture; de Noruega, Marc Maure; de Suécia, Per Uno Agren; de Portugal, Maria Manuela Soares de Oliveira e “um responsável a designar”; de Estados Unidos, John Kinnard.

Durante o ano de 1984, publicações sobre o tema em diversos espaços culturais e estágios de formação sobre os mais variados temas museológicos, contribuíram para a expansão dos ideais da Nova Museologia junto de jovens profissionais. Destacaram-se os estágios organizados pelo MNES<sup>50</sup> em que encontramos inscritos alguns profissionais portugueses da área de Museologia, como António Nabais, J. Guerra Soares, Miguel Pessoa, Isabel Moniz e António Lino Rodrigo.<sup>51</sup>

Na Suíça, no livro publicado pelo Museu de Ethnographie de Neuchâtel, *Objets pretextes, objets manipulés*, encontramos alguns textos importantes para a transformação do objecto museal, que agora se discute abertamente. De entre eles destaca-se o de Jacques Hainard,<sup>52</sup> que

---

<sup>49</sup> Cf.: Atelier Int. Ecomuseus/Nova Museologia I - Carta convite e documento de trabalho. (Cota Doc 1983-006-03)

<sup>50</sup> Cf.: M.N.E.S. Muséologie nouvelle et experimentation sociale. Stages de formation. Cota Doc 1984-002-03)

<sup>51</sup> Cf.: M.N.E.S. Carta - Inscrição para curso de formação realizada por António Nabais. (Cota Doc 1984-005-03)

<sup>52</sup> Cf.: Doc's La Revanche du Conservateur. (in *Objets pretextes, objets manipulés*) (Cota Doc 1984-003-03)

em “*La revanche du conservateur*”, destaca com ironia a prisão que o objecto representa para o conservador, quando o encara como o único representante possível da comunicação museológica.

*Objet, qui es tu? Un cadrage, une résistance extérieure, un concept ou tout les trois a la fois? « L’objet serait constitué par le sujet, l’objet ferait le sujet ou une dialectique subtile s’installerait entre l’objet et le sujet, le sujet et l’objet. »*

Em Julho, seria publicado o número 1 da Revista MNES, privilegiando os temas da informatização dos museus e fazendo uma panorâmica da realidade museológica em França e incluindo também um artigo sobre os países nórdicos.<sup>53</sup> Através deste artigo, Alain Jouvert informava-nos dos últimos desenvolvimentos das novas formas de museologia nestes países e indicava como se estava criando Ecomuseologia na Noruega, sem que os promotores tivessem consciência da existência ou da definição deste conceito como tal. A apresentação relatava, ainda, a participação francesa do MNES em Bø, Noruega, em Março desse ano, num encontro de profissionais da Museologia nos países escandinavos. Promovido por Marc Maure, tinha sido organizado pelo grupo de animação cultural da Telemarck Høgskole, um instituto universitário de tecnologia, com o objectivo de conhecer e discutir a acção da nova museologia nas diversas regiões da Noruega. A apresentação do modelo ecomuseológico francês, constituiu uma ajuda excelente para a afirmação e progresso das experiências museológicas em curso. Entre outros, foram apresentados o Museu de Totem, modelo prático ainda não assumido de um ecomuseu, o vale de Rjukan transformado num modelo territorial de ecomuseu industrial, ou RØRØ, um espaço museológico comunitário, organizado numa antiga vila mineira do século XVII. De entre as presenças estrangeiras, Alain Joupez destacava a da experiência dinamarquesa de Lejre, como um centro de interpretação arqueológico. Eram explicitados assim os caminhos que tinha seguido, na sua modernização museológica, a região que tinha sido uma das mais fortes inspiradoras dos modelos de musealização ambiental e ecomuseológica nas zonas rurais de França e de Europa.

Em 7 de Setembro, Pierre Mayrand escrevia aos colegas a última carta antes da realização do agora chamado Atelier, indicando a inclusão do programa. Este programa, em destaque, dedicava os trabalhos a Georges-Henri Rivière e informava também dos responsáveis pela organização: a *Association des Ecomusées de Quebec*, a *Association museologie nouvelle et experimentation sociale* e a *Association nationale du personnel des ecomusées de France*.

---

<sup>53</sup> Cf.: *MNES INFO* - Nº 1. França, Marselha, Julho 1984. 1984-015-04

Enviava ainda informações relativas aos textos dos participantes e a divulgação do evento pela rádio e pela televisão canadense.<sup>54</sup>

Os objectivos do encontro estavam claramente definidos:

- Criar condições de intercâmbio sobre temas de Ecomuseologia e de Nova Museologia;
- Definir e esclarecer as relações entre conceitos com a Museologia geral;
- Precisar os novos conceitos e encorajar as novas práticas.

No mesmo documento, eram anunciadas visitas a centros de interpretação e de experimentação comunitária de Quebec e, reivindicando os princípios da Declaração de Santiago de Chile, propunha-se a preparação de um documento, **a Declaração de Quebec**, que seria fundamental para o lançamento mundial e a consolidação da Nova Museologia como pensamento renovador, para o reconhecimento dos ecomuseus e museus comunitários como um importante mecanismo de experimentação e melhoria dessas mesmas teorias e para a criação do próprio MINOM como um movimento de congregação de museólogos e profissionais da Museologia, numa tarefa permanente de reflexão e acção sobre estas teorias e práticas.

---

<sup>54</sup> Cf.: Atelier Int. Ecomuseus / Nova Museologia I -Carta - Circular informativa. (Cota Doc 1984-012-03)

### 3.5 - PORTUGAL ANTES DO MINOM

#### **3.5.1 - A revolução de Abril e a modernização da mentalidade museológica**

Em Portugal, o 25 de Abril de 1974 e as consequências a todos níveis que a Revolução dos Cravos fizeram florescer, provocou, em alguns grupos sócio-culturais, principalmente na área do ensino e da actividade museológica não dirigente, uma forte necessidade de mudança social nos conceitos tradicionais da Museologia.

Durante os anos da Ditadura, a cultura portuguesa, em geral, vivera num paralisante marasmo, sendo apenas utilizada, no âmbito do mundo dirigente oficial e das classes mais favorecidas, como um ornamento da actividade das elites que rodeavam o poder. Os grupos políticos, artísticos e sociais, que se recusavam a aceitar o estado larvar a que a sociedade portuguesa tinha sido reduzida, principalmente após o início da guerra colonial, desenvolviam a sua actividades numa clandestinidade mais ou menos arriscada e num meio, onde tudo o que transparecia inovação, era tachado de perigoso anti-nacionalismo.

Esta penosa situação, apenas seria compensada pela lufada de ar fresco, que constituiria a criação e as **actividades da Fundação Calouste Gulbenkian**, em fins dos anos 60. A cultura e uma boa parte da intelectualidade portuguesa refugiaram-se neste remanso, para desenvolver iniciativas de carácter inovador, tanto artísticas como de comunicação cultural e museológica. Apesar de, regra geral e do ponto de vista da abrangência social, a sua produção e divulgação cultural ter-se mantido concentrada nas áreas mais restritas da Arte, da Literatura e da Música, a criação do edifício-sede da Fundação e a instalação no interior do Museu Gulbenkian com as colecções do seu patrono num edifício de arquitectura inovadora foi, apesar de sua concepção elitista e formal, a primeira mostra em Portugal de um museu com formato moderno, em que os objectos e a comunicação com o espectador tinham sido trabalhados num programa museológico prévio e sustentado por profissionais da área.

Deve assim mesmo ser destacada a produção de investigação realizada por muitos jovens intelectuais, que através de bolsas de estudo, puderam desenvolver trabalhos em diversos campos culturais e científicos e viajar ao estrangeiro. Esta tomada de contacto com o real desenvolvimento cultural fora de Portugal, através dos recursos fornecidos pela Fundação Gulbenkian, revelar-se-ia fundamental para a criação de uma geração com novas ideias que, após a revolução, iniciaria o processo de integração política, social e cultural de Portugal no mundo.

A generalidade dos museus, mesmo os mais importantes, sobrevivia num estado de grande pobreza, sem dotações nem recursos suficientes e em alguns casos, em franco estado de degradação. A museologia local padecia do mesmo estado de inércia, apenas eram criados

museus novos e o sentido social da actividade museológica não esteve presente, nestes anos, no território português, salvo o envolvimento de Georges-Henri Rivière nos anos 60, em projectos de museologia rural na Serra da Estrela, por convite precisamente da Fundação Calouste Gulbenkian.

Com a chegada da liberdade em todos os campos, a intelectualidade portuguesa ligada oficialmente aos museus iniciou, através da Secretaria de Estado da Cultura, as suas primeiras actividades renovadoras. Os espaços de informação de Internet, da RPM, Rede Portuguesa de Museus, informam-nos:

...“Assim, é no período imediatamente subsequente a 1974 que encontramos uma das primeiras iniciativas oficiais para alterar a estruturação museológica herdada do regime anterior, mediante a formulação pela Secretaria de Estado da Cultura de um pedido de aconselhamento à UNESCO, no campo da Museologia, visando três objectivos: *melhorar a coordenação entre os museus existentes; descentralizar a acção destes museus; criar museus de tipo novo com larga participação popular.*”...<sup>55</sup>

A UNESCO enviaria uma missão, chefiada pelo museólogo sueco Per Uno Agren, conhecedor e experimentador no seu país das novas ideias de museologia social, que então se desenvolviam por toda a Europa. Os seus relatórios, que apareceriam entre 1976 e 1979,<sup>56</sup> davam uma clara ideia do estado da museologia portuguesa: falhas na gestão e conservação dos espólios, falta de legislação adequada para aquisição e tratamento documental das colecções e inexistência de actividade educativa nos museus portugueses.<sup>57</sup>

As recomendações de Per Uno Agren incidiram sobretudo na constituição de uma rede de comunicação entre os museus de todo o país, com prioridade para a criação ou renovação de museus regionais, num programa de colaboração entre o poder central o poder local e a comunidade. Para além disso, seria necessário um vasto programa de formação para os profissionais da área e uma nova definição, quanto aos programas de desenvolvimento e funcionamento dos próprios museus.

Um grupo de trabalho foi criado para dar apoio à concretização das acções propostas pela UNESCO em Portugal. A ele pertenceram profissionais da museologia portuguesa da altura,

---

<sup>55</sup> Cf.: Histórico do RPM. [www.rpmuseus-pt.org](http://www.rpmuseus-pt.org)

<sup>56</sup> Cf.: AGREN, Per-Uno, Portugal - Les musées régionaux et locaux - quelques observations et propositions, Umea /Suède, Janvier 1977 (dact.), s.p. e AGREN, Per-Uno, Les Musées Régionaux et Locaux (Rapport n° 2), Paris, UNESCO, 1979, p. 10.

<sup>57</sup> Cf.: Diagnóstico sobre Museologia em Portugal. (Acont. 31)

entre eles Madalena Cabral, José Porfírio, Rafael Salinas Calado ou Maria João Vasconcelos. Este grupo foi reformulado em 1979 com um nova designação: O Grupo de Apoio aos Museus Locais, destinado a apoiar tecnicamente os museus em geral e a desenvolver acções de aconselhamento e programação para novos museus regionais. Infelizmente, apesar das boas vontades, as propostas de Per Uno Agren não tiveram grande efeito prático do ponto de vista da execução oficial das iniciativas propostas, mas a sua presença e a sua participação em acções de formação para jovens museólogos e profissionais dos museus, seria uma das causas da viragem e da modernização na museologia portuguesa, do ponto de vista social.

Com a criação em 1981 do IPPC, Instituto Português do Património Cultural, o Grupo de Apoio aos Museus Regionais desapareceria e as suas atribuições seriam absorvidas pela nova instituição. A criação do IPPC, contribuiu, especialmente nos primeiros momentos, para um processo de renovação e adequação das instituições aos novos tempos, através da elaboração de legislação actualizada, da realização de programas de formação e do início da recuperação e renovação de alguns dos mais importantes museus. Neste processo, estiveram envolvidos, entre outros, Natália Correia Guedes, na altura directora do departamento de Museus e Henrique Coutinho Gouveia, chefe do Departamento de Etnologia que, interessado nos pequenos museus, organizaria vários cursos de sensibilização e formação para técnicos e conservadores, em diversas zonas do país.

Foi no âmbito do IPPC que se realizou, a partir de 1981, o primeiro curso de pós-graduação em Museologia em Portugal. Este seminário, realizado na Fundação Calouste Gulbenkian, seria aberto por Georges-Henri Rivière e encerrado por Hugues de Varine. As matérias seleccionadas e os professores intervenientes abririam as portas a muitos jovens museólogos portugueses para as novas ideias e os novos modelos da Museologia Social.

Hugues de Varine, que residia em Portugal desde 1982 desempenhando o cargo de Director do Instituto Franco-Português, foi uma das personalidades que difundiu os seus conhecimentos relativos aos Ecomuseus e à Nova Museologia, divulgando estas ideias nas aulas que ministraria nos cursos do IPPC e procurando e encorajando, pelo país, experiências e tentativas museológicas de tipo comunitário. Com ele contactariam alguns dos jovens profissionais e museólogos, que mais tarde seriam os principais promotores da Nova Museologia em Portugal e no mundo.

### **3.5.2. - As primeiras experiências no terreno da museologia social portuguesa**

Do ponto de vista da renovação museológica no terreno, existia junto das classes profissionais ligadas à Museologia, mas principalmente junto dos profissionais do ensino, uma

clara consciência da ineficácia pedagógica dos museus existentes e do seu afastamento da cultura real. Por esse motivo, começaram a aparecer algumas iniciativas tendentes a modificar a relação da escola com os museus, que reclamavam um novo entendimento quanto ao uso do património e tentavam promover uma função mais social e comprometida destas instituições.

### **O Ecomuseu do Seixal**

Em Maio de 1979, o historiador António Nabais, junto com outros colegas, foi convidado pela Câmara Municipal de Seixal a realizar o Levantamento Histórico-Cultural do Concelho de Seixal. Na altura do convite, era presidente da edilidade Eufrásio Filipe José, que tinha mostrado preocupação, desde o início da sua presidência, pelo enorme manancial de património que existia neste concelho, situado no estuário do Tejo, nas margens do Mar da Palha e frente a Lisboa. Caracterizado pela existência no passado de uma antiga e florescente actividade nas pescas e na arquitectura naval e agora marcado pela decadência de suas indústrias tradicionais, Seixal possuía um valiosíssimo espólio nos mais variados âmbitos, especialmente no campo da actividade marítima. Por um lado, Eufrásio Filipe tinha incluído, no seu programa de trabalho municipal, a promoção e recuperação de equipamentos culturais e de arqueologia industrial, tais como o Arquivo Municipal, o Estuário do Tejo ou os Moinhos de Maré. Por seu lado, António Nabais já tinha desenvolvido iniciativas de colaboração com o museu de Vila Franca no âmbito da cadeira Estudos Sociais, quando leccionava História neste concelho entre 1974 e 1977.

A execução do levantamento solicitado e a pesquisa de informação em arquivos e sedes paroquiais, bem como as conversas com as populações, levaram à recolha de um espólio de grande valor patrimonial, formado pelos testemunhos da história, da cultura e das antigas actividades profissionais do Seixal. O interesse deste espólio recolhido por doação e aquisição, bem como a interessante documentação encontrada, geraram a possibilidade de realizar uma exposição sobre o tema. António Nabais, o historiador que, desde o início, tinha tido maior envolvimento pessoal nesta iniciativa, junto com António Batista Pereira, que colaborou na área de inventário e sistematização, prepararam uma mostra com base em objectos e documentos que abrangiam, entre outros, a história local, a agricultura, as pescas e os materiais produtivos das indústrias antigamente implantadas na região. A exposição foi realizada na Associação Náutica de Seixal, em Novembro de 1981, sob o título: “O Trabalho na história do Concelho de Seixal”.

O sucesso da iniciativa, apresentada como “a primeira pedra do futuro museu do Seixal”, justificou a decisão de manter a exposição aberta e iniciar trabalhos de colaboração com as escolas e com a própria população. Esta primeira exposição e a actividade desenvolvida

posteriormente, foram a origem do que seria considerado, mais tarde, o primeiro Ecomuseu Português, sendo assim identificado por Hugues de Varine quando o visitou mais tarde.

A vontade de se construir um museu em Seixal, era anseio antigo da comunidade do concelho. Desde princípios do século XX, que tinham sido feitas diversas tentativas e o tema era referência frequente nos jornais regionais e em material documental da especialidade. Estas temáticas, bem como a história e perspectivas do Ecomuseu do Seixal, encontram-se documentadas, na tese apresentada na Universidade Nova de Lisboa, no ano 2000 por Maria da Graça Filipe, actual responsável pelo Ecomuseu do Seixal.<sup>58</sup>

No momento do lançamento do novo museu estavam reunidas as condições que propiciavam o aparecimento de um museu com características comunitárias: uma necessidade largamente sentida pela população; um momento político e uma edilidade interessada e activa na acção de intervenção patrimonial e cultural; um território patrimonializável de inquestionável valor e em premente necessidade de valorização e recuperação; e, finalmente, responsáveis culturais sensíveis à implementação de um programa museal com sentido social e comunitário.

No seu trabalho sobre o Ecomuseu do Seixal, conta-nos Graça Filipe:

...“Em Abril de 1982 António Nabais elaborou o Programa do Museu Municipal do Seixal (museu polinucleado). Também elaborada por ele, por parte do Sector do Património Histórico-cultural, a proposta de criação do Museu Municipal do Seixal foi apresentada em Sessão Administrativa de 7 de Maio de 1982, tendo sido aprovada por unanimidade”...<sup>59</sup>

Os passos e os trabalhos nos anos seguintes levaram a organização coordenada e a constituição de diversos núcleos museológicos, que se iniciaram com o programa de recuperação dos Moinhos de Maré, na sequência de um levantamento a eles dedicado em 1980, sob orientação de Jorge Custódio e que constituiu o primeiro trabalho de arqueologia industrial realizado em Portugal. A publicação do livro “Barcos do Tejo” favoreceu a aquisição e restauro de dois destes barcos, que passaram a constituir um novo núcleo do museu em formação.

Foram entretanto desenvolvidos trabalhos de pesquisa e contactos com as freguesias, em programas de sensibilização, que propiciaram na altura o envolvimento das organizações

---

<sup>58</sup> FILIPE, Graça. - O Ecomuseu Municipal do Seixal no movimento renovador da museologia contemporânea portuguesa. Tese de Mestrado realizada no âmbito do Mestrado em Museologia e Património da Universidade Nova de Lisboa.

<sup>59</sup> Cf.: FILIPE, Graça. - O Ecomuseu Municipal do Seixal no movimento renovador da museologia contemporânea portuguesa. Tese de Mestrado realizada no âmbito do Mestrado em Museologia e Património da Universidade Nova de Lisboa. Pag.83 e seguintes.



populares e das escolas do concelho. Não sendo certo o momento em que a ideia do aparecimento de um museu com características comunitárias surgiu de forma efectiva junto da edilidade e dos próprios organizadores do programa, parece claro que a vontade dos dois responsáveis pela exposição e sua sensibilidade relativamente ao papel social dos museus e à necessidade do envolvimento das populações na iniciativa museológica, foi fundamental para sua efectivação. A esta sensibilidade não tinha sido certamente alheia a presença de António Nabais no curso de Conservadores de Museus, que decorria por esta altura, promovido pelo IPPC e em que leccionavam alguns vultos da Nova Museologia social, entre eles Hugues de Varine. Foi no âmbito do conhecimento directo travado entre o professor e o aluno, durante um Seminário organizado no Museu do Traje, que se realizou a primeira visita do museólogo francês ao Seixal, tendo sido reconhecido por ele, nessa altura, como um ecomuseu de características próprias, como, aliás, cada ecomuseu acaba por ser.

Em 1983 e no dia 18 de Maio, data da celebração do Dia Internacional dos Museus, foi festejado o primeiro aniversário do Museu de Seixal. O desdobrável de apresentação mostra-nos a seguinte legenda: “Museu Municipal do Seixal (ecomuseu) 1º Aniversario”.<sup>60</sup> A palavra ecomuseu entre parêntesis e em letra de menor tamanho indicam alguma timidez na abordagem da expressão e parece mostrar insegurança ainda na utilização do modelo. O Museu é assim descrito no desdobrável por António Nabais:

“O Museu Municipal do Seixal - um património colectivo do povo que tem como objectivo principal a salvaguarda e valorização do património cultural e natural, sempre que possível *in situ*, e em actividade, a fim de colocar à disposição da população local instrumentos críticos que favoreçam a tomada de consciência dos seus valores culturais.”

O documento apresenta ainda distintos núcleos distribuídos pelo seu território e garante o envolvimento e participação popular na tarefa de investigação e preservação do seu património. As características particulares do Museu do Seixal despertaram rapidamente curiosidade no meio cultural e museológico. Do ponto de vista nacional, o desenvolvimento deste primeiro museu de tipo comunitário foi seguido e acompanhado pelos organismos oficiais e pela APOM, Associação de Museologia. Do ponto de vista internacional, durante a sua estada em Portugal, Kenneth Hudson visitou o museu e sugeriu a sua candidatura ao prémio europeu do ano.

---

<sup>60</sup> Cf. : Desdobrável « Dia Internacional dos Museus ». Seixal, 18 de Maio, 1983. (Cota Doc.1983-001-04)

Os contactos internacionais com as ideias e experiências da Nova Museologia foram abertos com a participação de António Nabais e José Luís Guerra Soares numa visita de estudos a França, em que conheceram Le Creusot e participaram no Curso de Formação em Grenoble, organizado em 1984 pelo MNES.<sup>61</sup> Participariam ainda neste curso Miguel Pessoa, Isabel Moniz e António Lino Rodrigo, que mais tarde se envolveriam também em iniciativas museológicas comunitárias. Estes profissionais descobriram, nessa altura, que estavam a desenvolver projectos e experiências de tipo comunitário em Portugal, similares aos dos outros países. Embora com características pouco claras ou sem orientação programática, os modelos identificavam-se já com as teorias e as práticas que descobriam nos cursos que estavam a realizar.

Também em Portugal, esse ano, seria divulgado no I Encontro Regional do Sul sobre Património, com a assinatura de António Nabais e de seus colegas colaboradores no projecto, um documento<sup>62</sup> que apresentava o programa de musealização de Seixal, nos seus moldes inovadores, **valorizando o papel das autarquias na defesa do património e criticando a forma elitista e pouco solidária como era gerida a cultura em Portugal**. O museu foi apresentado com os seguintes Núcleos: Núcleo-sede na Torre da Marinha, Moinhos de Maré, Moinho de Corroios, Moinho da Passagem, Moinho Novo dos Paulistas e Atelier de construção naval. Apresentava ainda um Plano de Actividades que privilegiava o contacto com a população e as escolas e dava prioridade à investigação e à divulgação das pesquisas sobre o património local.

### **O Museu Etnológico de Monte Redondo**

Um outro profissional, não museólogo, o arquitecto Mário Moutinho, interessado na cultura popular e sobre a qual realizara pesquisas e publicações, entre elas o livro “A Arquitectura Popular Portuguesa”, conhecia as experiências dos países nórdicos e chegara também a contactar Per Uno Agren, no sentido de conhecer as possibilidades de criar um museu ao ar livre em Portugal. Os seus primeiros contactos com a Nova Museologia e com os projectos experimentais dos Ecomuseus que se desenvolviam pelo mundo, deram-se também através de Hugues de Varine, quando leccionava nos Cursos já mencionados do IPPC.

Em 1981, iniciou uma experiência de tipo comunitária no Museu de Monte Redondo. Neste museu, que nasceria com base num projecto etnológico anterior, trabalhariam também

---

<sup>61</sup> Cf.: M.N.E.S. Carta - inscrição para curso de formação (Cota Doc. 1984-005-03)

<sup>62</sup> Cf.: NABAIS, António e outros - As Autarquias e o Património Cultural. Uma experiência no Seixal. 1983. (Cota Doc 1983-005-03)

Manuela Carrasco, João Moital e Jorge Arroteia.<sup>63</sup> Num documento apresentado na revista *Meridies*<sup>64</sup>, lançada em Dezembro de 1984, Mário Moutinho apresentaria o museu como uma experiência comunitária nascida com base na recolha de objectos etnográficos, que acabaria por envolver a população e provocar um sentimento de implicação social muito forte entre a própria comunidade. O Plano da Acção, com as suas iniciativas de carácter colectivo pretendia:

- Melhorar a envolvente cultural e ambiental do lugar;
- Apoiar o ensino escolar;
- Fomentar a a criação de postos de trabalho;
- Apoiar as colectividades locais;
- Suscitar o convívio entre gerações;
- Ajudar a reflectir sobre os problemas da região.

Os temas dominantes de tipo científico privilegiariam a organização do acervo documental e a investigação antropológica na área de influência do museu. Eram ainda apresentados no documento, um grande número de colaboradores e entidades que pretendiam apoiar e financiar o projecto, bem como os trabalhos em curso.

#### **4.5.3 - Portugal e o I Atelier Internacional Ecomuseus / Nova Museologia de Quebec**

Em Janeiro de 1984, António Nabais e Mário Moutinho iniciaram os trâmites para a inscrição de um grupo português no I Atelier Internacional Ecomuseus / Nova Museologia em Quebec. Documentação da correspondência trocada entre a organização e os interessados, com destaque para a carta que Hugues de Varine escreveria a António Nabais, informando-o da sua recomendação a Quebec para que fosse convidado, indicam a formalização da inscrição de ambos, bem como a de Manuela Carrasco, que trabalhava no projecto de Monte Redondo.<sup>65</sup> Os organismos oficiais portugueses foram contactados, no sentido de apoiar financeiramente a iniciativa, tendo sido a sua resposta favorável.<sup>66</sup> No âmbito desta inscrição, René Rivard, a convite de Hugues de Varine, visitaria Portugal e conheceria as experiências que se realizavam em Portugal, nomeadamente em Seixal, Monte Redondo e Condeixa. Na sequência da visita de René Rivard, a organização do Atelier, através de Pierre Mayrand, convidou António Nabais para fazer uma apresentação sobre a experiência museológica do Seixal, solicitando ainda a sua

---

<sup>63</sup> Cf.: MOUTINHO, Mário - *Museu Etnológico de Monte Redondo Projecto de Actuação* (in *Meridies* I) (Cota Doc 1984-040-04)

<sup>64</sup> Cf.: *Meridies*. Revista de Antropologia e de sociologia rural da Europa do Sul - folheto de divulgação. (Cota Doc 1984-036-04)

<sup>65</sup> Cf.: Correspondência de inscrição. ( Cota Doc.1984-006-03)

<sup>66</sup> Cf.: Atelier Int. Ecomuseus/Nova Museologia I - Carta Concessão de apoio financeiro. (Cota Doc 1984-010-03)

colaboração na moderação de um painel de trabalho.<sup>67</sup> O grupo que preparava com expectativa a sua participação em Canadá, não imaginava com certeza nesse momento, que do seu empenhamento e de alguma coragem e sentido de risco, o Movimento para Uma Nova Museologia viria a nascer oficialmente em Portugal um ano depois.

---

<sup>67</sup> Cf.: Atelier Int. Ecomuseus / Nova Museologia I - Carta convite a António Nabais. (Cota Doc 1984-027-03)

### **3.6 - MINOM - MOVIMENTO INTERNACIONAL PARA UMA NOVA MUSEOLOGIA**

#### **3.6.1 - O nascimento do MINOM**

Embora o MINOM tenha nascido oficialmente em Lisboa em 1985, o seu ponto de partida, as regras pelas quais viria a ser gerida e o cerne do pensamento social que lhe seria inerente, foram construídos e consolidados, como já dissemos no Canadá um ano antes.

Ao longo deste estudo sobre os antecedentes do movimento, fomos encontrando personalidades, reflexões, pensamentos e vontades de mudança por toda a comunidade museológica mundial, que iam criando um crescendo progressivo, com importantes momentos de explosão e afirmação como o da Mesa de Santiago de Chile ou o nascimento do M.N.E.S, até desembocar em Outubro de 1984 no I Atelier Internacional Ecomuseus / Nova Museologia.

Fora com aqueles profissionais da Museologia que, através da reflexão e a experimentação tinham dado início a pensamentos e acções de renovação, que a Nova Museologia transformar-se-ia num cadinho de reflexão e os ecomuseus e museus comunitários em centros de desenvolvimento sócio-cultural, económico e de afirmação para as pequenas e médias comunidades rurais e urbanas. O MINOM, Movimento Internacional para uma Nova Museologia, sustentaria os seus valores nas teorias da Nova Museologia e nas experiências ecomuseológicas e comunitárias que se desenvolviam, simultaneamente, um pouco por todo o mundo.

#### **O I Atelier Internacional Ecomuseus / Nova Museologia.**

Entre os dias 7 a 13 de Outubro<sup>68</sup> desenvolveram-se os ateliers dedicados aos mais diversos temas, tais como a definição de conceitos, as novas experiências, as técnicas e filosofias da Nova Museologia, os intercâmbios internacionais ou os trabalhos da Comissão que iria apresentar o projecto da Declaração de Quebec.

A lista dos participantes, entregue durante o Encontro, permite-nos encontrar, reunidos, quase todos os promotores da ideia museológica comunitária, tanto internacional como canadiana<sup>69</sup>. Entre os muitos textos apresentados destacamos o ponto de situação de Pierre Mayrand, *Sens et enjeux de la museologie populaire*. Neste documento<sup>70</sup>, revela-se a missão reivindicada para a museologia popular e a museologia comunitária: a conquista progressiva de um modo de dignificação social e de afirmação identitária através dos museus. Exemplificando

---

<sup>68</sup> Cf.: Atelier Int. Ecomuseus/Nova Museologia I. (Ver Acont's 45,48,50,53)

<sup>69</sup> Cf.: Atelier Int. Ecomuseus/Nova Museologia I - Lista de Participantes. (Cota Doc 1984-026-04)

<sup>70</sup> Cf.: Atelier Int. Ecomuseus/Nova Museologia I - MAYRAND, P. *Sens et Enjeux de la Muséologie Populaire*. (Cota Doc. 1984-018-04)

através da experiência de Haute Beauce, reclama um reencontro de acção entre os diversos intervenientes sociais: trabalhadores utilizadores, mecenas, intelectuais em posição de liderança, todos eles agindo como cidadãos competentes no sentido do progresso harmónico da sociedade.

Um outro documento do mesmo autor, “ *Nouvelle Muséologie: Aspects formels et spécifiques*”,<sup>71</sup> vai definir, passo a passo, as mudanças que preconiza o novo pensamento museológico nos seus aspectos mais concretos:

- Mais que o objecto museológico, o sujeito social é a principal preocupação da Nova Museologia;
- As exposições não devem ser um amontoamento de objectos e colecções. Antes todo o património deve ser utilizado para explicar e experimentar;
- A estagnação deve ser evitada, promovendo a criatividade e tirando partido das energias populares, criando assim um equilíbrio activo nas instituições museológicas;
- Os objectivos de um museu devem perseguir como fim último o desenvolvimento social comunitário;
- O museu deve sair das suas paredes fechadas e integrar o território que o envolve;
- A interdisciplinaridade deve substituir o hermetismo especializado;
- O método museográfico deve saber interpretar o património de modo a permitir a participação popular;
- O participante actor e decisor deve substituir o visitante passivo, num novo modelo de relação entre especialistas e população.

Entre os seus aspectos formais, o Atelier vai defender algumas experiências em curso no campo da museologia comunitária e da Ecomuseologia, exemplificando modelos conhecidos:

- Como **Museu Nacional** propõe o exemplo do Museu Nacional de Níger, pelos seus objectivos sociais, culturais e de congregação de identidades;
- Como **Museu de Vizinhança**, é recomendado o exemplo especial de Anacostia em Washinton, destacando a utilidade do modelo norte-americano para bairros urbanos, com problemas de integração social e organização urbanística;
- Como **museu de integração popular** recomenda o exemplo da Casa del Museo, de México, destinado, sobretudo, à educação e valorização social das populações mais pobres.

---

<sup>71</sup> Cf.: Atelier Int. Ecomuseus/Nova Museologia I - MAYRAND, P. *Nouvelle Muséologie: Aspects formels et spécifiques*. (Cota Doc. 1984-019-04)

- As chamadas “**exposições populares**”, encontram o seu modelo nos trabalhos dos Países Nórdicos e os seus “círculos culturais e de estudo”, que funcionam em diversos tipos de museus e em modelos adaptados a uma população com protagonismo activo e implicada socialmente.
- Para os **museus de Arqueologia Industrial**, mostra o caminho pelos trabalhos desenvolvidos em Inglaterra, como Ironbridge e Torfaen, que são vilas-museus em que a população se transforma em arqueólogo e investigador, contando a sua própria história.
- O **Ecomuseu** é, finalmente, apresentado como a forma mais visível e explícita da Nova Museologia. Atribuindo a sua criação a Georges-Henri Rivière e a dupla Hugues de Varine/ Marcel Evrard, destaca neste modelo a capacidade de intervenção socio-política a interdisciplinaridade, a territorialidade da expansão do museu e a participação activa e protagonista da população. Destaca ainda a existência, em França, de quase quarenta museus destas características, estendendo-se a iniciativa à Suíça, Itália, Catalunha, Bélgica, Portugal e Canadá.

Deixando ainda a porta aberta a novos modelos e exemplificando outras experiências por todo o mundo, como a das favelas no Rio de Janeiro, o documento encerra com uma afirmação entusiasta, poética e indiciadora do sonho de criar, através da Museologia, uma sociedade renovada a nível mundial:

*...”Et combien d’autres questions à formuler... Quelques-unes sans réponses possibles; les autres, à répondre avec toutes les nuances qu’impose cette floraison si diversifiée qu’est la nouvelle muséologie, chaque expérience et chaque entreprise restituée dans son contexte local et ses dimensions propres. Il faut voir la nouvelle muséologie comme un jardin de fleurs, en évolution constante à travers les saisons, en floraisons savantes, hybrides et sauvages toutes à la fois... »*

A documentação disponível encontra-se incompleta e não nos permite especificar os acontecimentos dos dias 7 a 11, mas relatórios e documentos produzidos nos dois últimos dias, 12 e 13, que foram dedicados fundamentalmente à discussão em sessão plenária dos projectos de Declaração de Quebec e à definição das futuras acções, dão-nos uma ideia do trabalho e da energia desenvolvidos durante todo o Atelier.

No dia 12, o último relatório da Sessão Plenária<sup>72</sup>, para a qual todos os participantes foram convidados, incluía na ordem do dia a homenagem a Georges-Henri Rivière, as Recomendações Gerais, a discussão da Declaração de Quebec e as Recomendações para o próximo triénio, dando conta ainda da Composição da futura Comissão organizadora. Nele estavam ainda claramente especificados os princípios em que todos se reconheciam:

- A Museologia intervém na evolução democrática das sociedades;
- Esta intervenção passa pela valorização das identidades, num quadro de realidade global mundial;
- Existe um movimento com práticas comuns, embora com abordagens diferentes em função dos países, que pressagia um novo tipo de museologia e de museu;
- A interdisciplinaridade e a participação social conduzem a um novo desempenho dos museus, que precisa de definição e de objectivação.

Os ambiciosos planos para os tempos que se seguiriam, definiram que o segundo atelier seria em Portugal, o terceiro em Buenos Aires e o quarto na Bélgica, solicitando já a composição das respectivas Comissões Organizadoras. Propunha-se ainda que a Revista “*Museum*” de 1986 do ICOM, fosse consagrada aos encontros de 1984 e 85 e que um grupo liderado por Mathilde Bellaigue Scalbert coordenasse os trabalhos.

No dia 13, a ordem do dia foi dedicada à discussão e aprovação da Declaração de Quebec, à definição do Comité organizador da Federação Internacional provisória Nova Museologia, à preparação da revista “*Museum*” e à definição dos trabalhos do segundo atelier. Identificava os responsáveis pela realização do terceiro atelier, Miriam Arroyo e Mathilde Bellaigue e apresentava o programa, de cinco dias, para a organização do segundo, que seria fundamentalmente dedicado aos temas: ligação entre museus e poderes públicos, pesquisa e afirmação do movimento. As línguas oficiais para o segundo atelier deviam o espanhol, o inglês e o francês.

Relativamente à organização da Federação Internacional, definiram-se os representantes dos distintos países e as missões deste comité: preparar as actas do Colóquio, definir os estatutos da federação, tratar dos diversos assuntos administrativos, garantir a ligação ao segundo atelier e preparar a difusão da Declaração de Quebec.

Foram ainda definidas as personalidades que organizariam em Portugal o II Atelier:

---

<sup>72</sup> Cf.: Atelier Int. Ecomuseus/Nova Museologia I - *Compte-rendu de la dernière séance plénière*. (Cota Doc. 1984-021-04)



António Nabais, Mário Moutinho, Maria Manuela Carrasco, de Portugal e Étienne Bernard, Eveline Lahaye, Hugues de Varine, Marc Maure e Pierre Mayrand do grupo internacional.

Mas, sem dúvida, o documento mais importante saído deste atelier seria a **Declaração de Quebec**.<sup>73</sup> O texto final surgiu depois de uma animada e tempestuosa sessão, de que alguns dos rascunhos, textos corrigidos e rectificadados sucessivamente, existentes<sup>74</sup> nos dão testemunho. Palavra por palavra, o documento foi evoluindo até encontrar as expressões mais adequadas aos múltiplos entendimentos e sensibilidades em presença.

A Declaração de Quebec começa por reivindicar a Declaração de Santiago de Chile como seu documento matriz, no que diz respeito ao papel social do museus e ao carácter global de suas intervenções. Na sua tomada de posição, apresentava e propunha como ponto de partida os seguintes considerandos:

- 15 Anos de reflexões e experiências activas de Nova Museologia, Ecomuseologia, Museologia Comunitária e de outras formas de inovação museológica social no mundo inteiro, que provavam a existência real de um modelo de desenvolvimento crítico e activo das comunidades;
- A necessidade de reconhecimento deste movimento, provada nas intervenções e participações em diversas mesas e centros de reflexão;
- A vontade de criar as bases de um pensamento abrangente nos distintos continentes;
- A necessidade de um quadro de referência comum na articulação de princípios e meios de acção.

Entre as opções de ordem universal que seriam a base de sustentação da sua política museológica, propunham:

- A procura por parte da Museologia de novos modelos de modo a permitir, para além do desempenho das suas funções educativas e de preservação, inserir a sua acção no meio humano e físico;
- A interdisciplinaridade e os modelos de moderna gestão para o desempenho desta acção;
- A prioridade ao desenvolvimento das populações, associando-as ao modelo de acção da nova museologia, a Ecomuseologia, a museologia comunitária e a todas as formas de inovação museológica social, garantindo, no entanto, a preservação material dos bens herdados;

---

<sup>73</sup> Cf.: Declaração de Quebec. *Princípios de base de uma Nova Museologia*. (Acont. 55)

<sup>74</sup> Cf.: Declaração de Quebec. *Princípios de base de uma Nova Museologia*. (Cotas Doc's. 1984-024-04 e 1984-025-04)

- A promoção da imaginação criativa, o realismo construtivo e os princípios humanitários como mecanismo de aproximação dos povos e do seu desenvolvimento crítico e fraternal.
- As preocupações de ordem científico, cultural, social e económico e a procura de utilização de todos os recursos disponíveis para a pesquisa, recolha, criação e divulgação, adaptados a cada projecto.

Adoptava, finalmente, como objectivo, o reconhecimento pela comunidade museológica deste novo movimento e de todas as formas de museologia activa por ele promovidas, bem como a necessidade de envolvimento dos poderes públicos, principalmente nos locais de aplicação destes modelos. Para tal, preconizava a organização das seguintes estruturas permanentes:

- Uma comissão internacional Ecomuseus/Museu Comunitários, sob a tutela do ICOM.
- Uma federação internacional de Nova Museologia associada ao ICOM e ao ICOMOS, sediada provisoriamente no Canadá.

Para além destas medidas, seriam formados grupos provisórios de trabalho que garantiriam o cumprimento das resoluções, especialmente a elaboração dos estatutos da futura organização e poria em prática um plano trienal de encontros.

As opções tomadas como consequência desta Declaração e o momento político e social em que foi realizada e divulgada, tiveram uma enorme repercussão desde os primeiros momentos, junto de uma boa parte da comunidade museológica, em especial daquela que sonhava com um comprometimento social mais activo da intelectualidade, na melhoria das condições de vida das populações, sustentada pelo desenvolvimento harmónico entre o bem-estar físico e o crescimento cultural. O entusiasmo e a capacidade produtora de acção seriam, especialmente durante os dois anos seguintes, extraordinários e a diáspora de encontros, colóquios, publicações e iniciativas experimentais, extensíssima.

### 3.7 - A MODO DE CONCLUSÃO

Apenas pela simples e incompleta listagem apresentada dos conteúdos de reflexão, informação e acção produzidos durante os dias em que se realizou o I Atelier MINOM poderemos aperceber-nos da importância do movimento que nascia em Quebec, em Outubro de 1984 e esse facto justifica, por si só, a decisão de deixar para trabalhos posteriores a análise e explicitação da história do movimento.

Os futuros fundadores do MINOM iniciariam, a partir deste primeiro atelier, as acções de preparação das estruturas, grupos e comissões que dariam forma e conteúdo à futura organização e garantiriam a sua integração nos organismos oficiais da Museologia mundial.

O MINOM cresceria desde a sua criação com o peso de três factores de constrangimento para a sua acção, que convirá no futuro analisar pormenorizadamente e dessa análise retirar as conclusões adequadas: o modelo institucional escolhido, uma abrangência de opções incompatível com a estrutura de funcionamento montada e o facto de, como todos os movimentos inovadores, ter nascido muito antes da sociedade em geral estar preparada para o compreender, o aceitar e o apoiar.

Em primeiro lugar, apesar de ter sido defendida anteriormente e durante as sessões do I Atelier, uma organização independente das instituições e sem superestruturas formais, que se previam de difícil gestão para um território museológico do tamanho do mundo, vingou o modelo de associação com estatutos e regulamentos.

Em segundo lugar, a generosa abrangência que, num princípio, permitira a união das diversas opções teóricas e práticas da Nova Museologia, serviria também para, num funcionamento posterior espartilhado pelas estruturas de uma instituição formal, impedir a discussão fácil e franca e as opções em liberdade, que um modelo mais simples e inorgânico poderia ter garantido.

Finalmente, a incompreensão da sociedade em geral e o facto das populações a que este movimento se destinava pertencerem, regra geral, às classes menos favorecidas, fizeram sobreviver esta organização num frequente estado de penúria financeira, desenvolvendo museus pouco atractivos para a maioria dos políticos e das massas ansiosas de cultura fácil e espectacular e sustentada, apenas, por intelectuais militantes e generosos, com o apoio nem sempre garantido dos poderes centrais e locais, salvo honrosas e escassas excepções.

Mas o que é facto também, é que o MINOM sobreviveu e sobrevive, produzindo e mantendo actuante uma importante bagagem de reflexões teóricas e experiências no terreno, fruto do trabalho de destacados intelectuais e museólogos e de populações conscientes e responsáveis, por todo o mundo. A filosofia social de intervenção e de reivindicação da construção, através dos museus e da cultura, de uma sociedade mais justa que lhe deu origem, continua a ser mais do que nunca necessária. Uma boa parte dessa sociedade evoluiu, entretanto, durante os últimos 30 anos, para uma atitude global mais consciente e reivindicativa de seus direitos de cidadania e de participação activa na gestão global do seu destino. Os meios de comunicação, via Internet, permitem hoje, sem custos, a comunicação fácil que se tornou um dos entraves mais pesados, com os que o movimento teve de viver. Finalmente, continuam a existir por todo lado, suficientes pessoas decididas a fazer vingar os valores que lhe deram origem.

SERÁ CHEGADA A HORA DO MINOM?

## **ANEXOS**

Em conjunto com o trabalho de explicitação da tese, são apresentados os seguintes itens:

**A - Manual SIGNUD do Utilizador**

**B - Dossiers com documentos fotocopiados sobre o MINOM - (1946 - 2004) - 12**

**C - Pastas com documentos originais MINOM - 2**

**D - CD-ROM com a base de dados de registos MINOM - 1**

**E - CD-ROM com a base de dados sem registos: SIGNUD - Sistema de  
Interpretação e Gestão de Núcleos Documentais - 1**

**NOTA:** Os Itens **B**, **C** e **E** serão depositados no Centro de Estudos Sociomuseologia da Universidade Lusófona, não sendo reproduzido o seu conteúdo nas cópias da tese a entregar nas Secretaria dos Mestrados